Cofinanciado pela
União Europeia

Mapa Bilateral de Investimentos Brasil - União Europeia

apexBrasil

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Jorge Viana
Presidente – ApexBrasil

Ana Paula Repezza
Diretora de Negócios

Floriano Pesaro
Diretor de Gestão Corporativa

Igor Isquierdo Celeste
Gerente de Inteligência de Mercado

João Ulisses Rabelo Pimenta
Coordenador de Análise de Mercado

Eduardo Palma de Seixas
Ramon do Nascimento Cavalcanti
Autores

SETOR DE AUTARQUIAS NORTE – CENTRO EMPRESARIAL CNC
Quadra 05, Lote C, Torre B, 12° ao 18° andar
CEP 70.040-250 – Brasília – DF
Tel.: 55 (61) 2027-0202

apexbrasil@apexbrasil.com.br
www.apexbrasil.com.br

© 2023 ApexBrasil
Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil).
Todos os direitos reservados.

*Renúncia de responsabilidade: Esta publicação foi cofinanciada pela União Europeia. Seu conteúdo é de responsabilidade exclusiva da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) e não reflete necessariamente as opiniões da União Europeia. A responsabilidade pelas informações e pontos de vista ali expressos cabe inteiramente ao(s) autor(es).

Sumário

Apresentação (ApexBrasil) 4

Apresentação (Delegação da União Europeia no Brasil) 7

Sumário executivo 11

1. Panorama Macroeconômico 14

Brasil 14

União Europeia 16

2. Investimento estrangeiro direto da União Europeia no Brasil 18

2.1 Posição de investimento estrangeiro direto 18

2.2 Fluxo de investimento estrangeiro direto 27

2.3 Renda de investimento estrangeiro direto 28

2.4 Anúncios de investimentos produtivos da UE no mundo 32

2.5 Anúncios de investimentos produtivos da UE na América Latina e Caribe 34

2.6 Anúncios de investimentos produtivos da UE no Brasil 36

2.7 Anúncios de transações fusões e aquisições da UE no mundo 44

2.8 Anúncios de transações fusões e aquisições da UE na América Latina e Caribe 45

2.9 Anúncios de transações fusões e aquisições da UE no Brasil 47

2.10 Investimentos em infraestrutura no Brasil 48

2.11 Principais empresas com capital da UE operando no Brasil 50

2.12 Estudos de casos de empresas da UE no Brasil 53

3. Investimento estrangeiro direto do Brasil na União Europeia 60

3.1 Posição de investimento estrangeiro direto 60

3.2 Fluxo de investimento estrangeiro direto 67

3.3 Renda líquida do investimento estrangeiro direto 67

3.4 Anúncios de investimentos produtivos do Brasil na UE 68

3.5 Anúncios de transações fusões e aquisições do Brasil na UE 77

3.6 Investimentos em infraestrutura na UE 78

3.7 Estudos de casos de empresas do Brasil na UE 79

Apresentação (ApexBrasil)

O Brasil e a União Europeia (UE) têm uma longa e mutuamente benéfica relação que remonta a 1960, quando do estabelecimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a Comunidade Econômica Europeia, antecessora da UE. Desde então, as relações econômicas entre o país sul-americano e o bloco europeu ganharam maior densidade, complexidade e complementaridade, com investimentos bilaterais que geram retornos financeiros, empregos e conhecimento técnico-científico.

Já em sua segunda edição, o Mapa Bilateral de Investimentos Brasil-União Europeia, desenvolvido pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), com apoio da Delegação da União Europeia no Brasil, tem como objetivo central mapear o atual estágio de investimentos entre o país e o bloco, além de demonstrar a intensidade que o relacionamento econômico entre ambas as partes alcançou, apoiando investidores e formuladores de políticas públicas com informações úteis para as suas estratégias de investimentos bilaterais.

O estudo pretende servir como estímulo aos fluxos de investimentos entre Brasil e UE, situação que favorece o crescimento do comércio, a criação de empregos, a transferência de competências e tecnologias, o acesso a redes de marketing internacionais e a inserção do Brasil nas Cadeias Globais de Valor (CGV), além de privilegiar o incremento da produtividade e o desenvolvimento de energias verdes.

Esse último tema, especialmente, ganhou crescente destaque na agenda internacional, principalmente após a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2021 (COP 26), que elevou as pressões para a descarbonização da produção e do transporte ao longo de todas as CGVs.

O Brasil, um dos maiores detentores de recursos naturais do planeta, posiciona-se como protagonista nas negociações ambientais internacionais, uma vez que essa agenda impacta diretamente não apenas a gestão do meio ambiente, mas também a economia e o desenvolvimento nacional.

O país tem se engajado ativamente no debate global sobre o tema pelo menos desde 1972, quando foi realizada a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, Suécia.

Em 1992, o Brasil sediou a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio Janeiro, em que se consolidou a ideia de desenvolvimento sustentável. A posição brasileira foi de preconização da cooperação multilateral, sob a perspectiva de "responsabilidades comuns, porém diferenciadas" entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Na Rio 92 foi assinada a Convenção-Quadro sobre Mudanças do Clima (arcabouço para as COPs – sigla em inglês de Conference of the Parties), além das Convenções da Biodiversidade e de Combate à Desertificação. A partir dessa concertação, em 1997 foi assinado o Protocolo de Quioto, primeiro dispositivo internacional em que signatários se comprometiam com a redução de gases do efeito estufa (GEE).

Após um período de impasses no regime multilateral ambiental, em 2015, a Assembleia Geral da ONU estabeleceu os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que incluem na agenda global o objetivo não apenas de combater a pobreza e manter a paz, mas também de proteger o meio ambiente. No mesmo ano, o Acordo de Paris inaugurou uma nova fase da agenda internacional sobre meio ambiente. O documento foi adotado por 195 países, e permite que cada um defina metas para controlar a emissão de GEE. Ao mesmo tempo, o tratado prevê apoio financeiro e tecnológico por parte dos países desenvolvidos para que países em desenvolvimento cumpram suas metas.

Em 2021 ocorreu a COP 26, maior evento internacional sobre clima, no qual o debate sobre a mobilização de recursos financeiros foi uma das prioridades. As partes obtiveram consenso a respeito da regulamentação do mercado de carbono, o que permitiu a conclusão do "Livro de Regras" do Acordo de Paris. Na ocasião, o Brasil anunciou a atualização mais ambiciosa de suas metas climáticas e também assumiu outros dois compromissos: Declaração dos Líderes de Glasgow sobre Florestas e Uso da Terra e o Compromisso Global de Metano.

Outro marco ambiental para o Brasil em 2021 foi a ratificação do Protocolo de Nagoya, que regulamenta o acesso e a repartição justa e equitativa de benefícios, monetários e não monetários, dos recursos genéticos da biodiversidade. A abundância de recursos energéticos verdes em solo brasileiro, somada à legislação que promove a entrada de investimentos nesse setor, coloca o Brasil na vanguarda do movimento rumo ao crescimento ambientalmente sustentável e socialmente inclusivo.

Conforme o estudo revelará, os países da União Europeia, com seus investimentos no Brasil em energia renovável, contribuem com o desafio global de descarbonização das cadeias produtivas e de transporte, ao mesmo tempo em que auxiliam o Brasil em seu processo de transição energética.

Os resultados do estudo, conforme se poderá observar nas próximas páginas, indicam um intercâmbio maduro, baseado nos interesses recíprocos entre o Brasil e a UE, em uma variedade de setores, desde os intensivos em trabalho, passando pelos segmentos de tecnologia até aqueles focados na economia do conhecimento.

A União Europeia possui lugar de destaque entre as iniciativas da ApexBrasil. Atualmente, a Agência apoia projetos em 29 setores que reconheceram os países do bloco com prioritários, abrangendo diversos ramos industriais, como agronegócio, moda, serviços e alta tecnologia. Ademais, desde 2010 a ApexBrasil conta com escritório de representação em Bruxelas, Bélgica, reafirmando o compromisso com o fortalecimento das relações comerciais entre Brasil e países da União Europeia.

Por tudo o que precede, o presente estudo é um instrumento da mais alta relevância para a compatibilização de estratégia e aproveitamento de oportunidades, proporcionando não apenas um direcionamento importante para a relação bilateral, como também uma contribuição efetiva para decisões de negócios.

Apresentação (Delegação da União Europeia no Brasil)

A União Europeia é a maior compradora e vendedora de bens e serviços agrícolas e manufaturados do mundo e é a primeira colocada em investimentos internacionais, tanto de entrada quanto de saída.

Com o Brasil, a UE tem uma Parceria Estratégica de longa duração, formalizada em 2007, em todas as áreas políticas, fortalecendo nossos laços históricos e culturais. A União Europeia e o Brasil compartilham valores democráticos, assim como o respeito pelos direitos humanos e pela liberdade. Compartilhamos a convicção de que um sistema multilateral baseado em regras é essencial para a estabilidade, a paz e o progresso globais. A UE e o Brasil têm até uma fronteira terrestre entre o estado do Amapá e a Guiana Francesa.

Nossos laços econômicos não são diferentes. A UE tem, no Brasil, um de seus mais importantes parceiros econômicos e de investimentos no mundo e, certamente, o mais importante na América Latina. A União Europeia é o segundo maior parceiro comercial do Brasil, e o Brasil é o maior exportador de bens agrícolas e alimentícios para a União Europeia.

O comércio e os investimentos são interdependentes e complementares. Cerca de metade do comércio mundial ocorre entre subsidiárias de empresas multinacionais, as quais comercializam bens e serviços intermediários. Para a UE e o Brasil, os investimentos são um componente central do nosso relacionamento econômico. A União Europeia é o maior investidor no Brasil, com estoque de investimento de EUR 263 bilhões, 49,5% de todo o estoque de investimento estrangeiro no Brasil em 2020. Investimentos da UE têm possibilitado uma forte presença do setor privado em setores brasileiros que são importantes para o crescimento sustentável, como os setores digital, de telecomunicações, energético, de saúde e de infraestrutura. Esses investimentos geram empregos de alta qualidade e frequentemente envolvem a transferência de tecnologia.

Os benefícios da entrada do investimento estrangeiro direto para o crescimento econômico são indiscutíveis.

Estão relacionados à expansão da capacidade produtiva, à criação de empregos, ao aprimoramento do capital humano, à difusão da inovação e da tecnologia e ao desenvolvimento do empreendedorismo, todos os quais contribuem para o aumento da renda geral. O investimento estrangeiro direto de saída é especialmente positivo para o país que investe e, em particular, para a competitividade das empresas. É por meio do investimento estrangeiro direto que empresas constroem cadeias globais de fornecimento.

O investimento estrangeiro direto pode aumentar ainda mais entre a UE e o Brasil, graças ao futuro Acordo de Associação Mercosul-UE. Esse acordo nos proporcionará uma estrutura de ação conjunta em relação aos desafios enfrentados por ambas as regiões: tornar nossas cadeias de valor mais verdes, enfrentar a mudança do clima, fortalecer a cooperação científica e de educação superior, promover o desenvolvimento digital, promover a democracia, o Estado de Direito, a paz e a segurança.

O futuro do Acordo de Associação Mercosul-UE pode criar um ciclo virtuoso para investimentos no Brasil e na União Europeia. O Acordo fomentará um ambiente regulatório mais previsível, tornando a UE e o Mercosul destinos mais atrativos para o investimento estrangeiro. O aumento das exportações de bens e serviços gerará maiores retornos sobre o investimento, o que liberará recursos para financiar infraestrutura essencial e capacidade industrial em tempos de escassez de financiamento e de crédito. A experiência da UE com outros acordos comerciais mostra que o investimento estrangeiro aumentou e, em alguns casos, até dobrou em dez anos.

Esta segunda edição do Mapa Bilateral de Investimentos apresenta uma análise clara e aprofundada dos fluxos de investimentos entre o Brasil e a UE, mostrando, com números concretos, o quão estratégicas são nossas economias para as empresas brasileiras e europeias e para nossos cidadãos. A análise realizada entre 2016 e 2020 revela um forte relacionamento de investimento, resiliente a choques domésticos e globais.

O relacionamento de investimento Brasil-UE tem fundamento sólido para nos ajudar com o maior desafio que teremos nos próximos anos. A proteção do planeta é a tarefa que definirá nossa geração.

Trata-se de uma urgente obrigação moral, humana e política, assim como um imperativo econômico. Por esse motivo, o relacionamento Brasil-UE precisa concentrar-se na transição para uma economia neutra em carbono, ambientalmente sustentável, eficiente na utilização dos recursos e resiliente.

A atual crise geopolítica, em conjunto com a pandemia da Covid-19 e suas repercussões econômicas, tem afetado, dramaticamente, economias pelo mundo inteiro. Muitos países se depararam com a redução de sua margem de manobra fiscal, bem quando são necessários investimentos em escala sem precedentes para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e das metas do Acordo de Paris. A Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – UNCTAD – estima que a insuficiência do financiamento anual em ODS é de US$ 4,3 trilhões.

A UE tem o compromisso de reduzir, até 2030, a emissão de gases de efeito estufa para ao menos 55% abaixo dos níveis de 1990. Para cumprir essa meta, a UE precisa investir, a cada ano, aproximadamente EUR 350 bilhões mais até 2030, em comparação com a década anterior. Recursos públicos não bastarão para alcançar a meta. A mobilização do capital privado é fundamental para a transição para uma economia sustentável.

Em 2019, a Comissão Europeia apresentou o Acordo Verde Europeu, uma estratégia de crescimento que visa a tornar a Europa o primeiro continente neutro em carbono até 2050.[a] A Comissão apresentou, em 2020, um plano de investimento para mobilizar ao menos EUR 1 trilhão em investimentos sustentáveis ao longo da próxima década. O plano fomentará os investimentos públicos e privados necessários à transição para uma economia neutra em carbono, verde, competitiva e inclusiva.

Para a UE, o financiamento sustentável é peça-chave da solução. Levar em conta as considerações ambientais, sociais e relacionadas à governança (ESG), na tomada de decisões referentes a investimentos pelo setor financeiro, acarreta mais investimentos de longo prazo em atividades econômicas sustentáveis. O financiamento sustentável tem papel fundamental na consecução dos objetivos do Acordo Verde Europeu e dos compromissos da UE referentes ao meio ambiente e à sustentabilidade.

[a] Acordo Verde Europeu: https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal_en

O financiamento sustentável abre o caminho para investimentos privados na transição para uma economia neutra em carbono, resiliente ao clima, eficiente na utilização dos recursos e equitativa, de forma a complementar o investimento público. O financiamento sustentável ajudará a garantir que os investimentos apoiem uma economia resiliente e a recuperação sustentável dos efeitos da pandemia da Covid-19.

Em 2021, a UE adotou uma nova estratégia de financiamento sustentável, propondo ações em quatro áreas: financiamento de transição, inclusão, ambição global e resiliência e contribuição do sistema financeiro.[b] A construção de um ecossistema confiável de financiamento sustentável é fundamental para a liberação do financiamento necessário para o investimento em infraestrutura.

Esse objetivo está no cerne da estratégia da Global Gateway da UE, que visa a promover laços seguros, limpos e inteligentes, nos setores digital, energético e de transportes, e fortalecer sistemas de pesquisa, educação e saúde ao redor do mundo.[c] Com isso, a UE reforça sua proposta a parceiros como o Brasil, com investimentos significativos em infraestrutura. Entre 2021 e 2027, a Team Europe, ao juntar as instituições da UE e os Estados Membros, mobilizará até EUR 300 bilhões em investimentos nos setores digital, de clima e energia, de transportes, de saúde, de educação e de pesquisa.

O Acordo de Associação Mercosul-UE contribuirá para esse objetivo.[d] O capítulo do acordo sobre comércio e desenvolvimento sustentável estabelece princípios e compromissos sobre o trabalho e os aspectos ambientais de relevância específica para comércio e investimentos.

O Mapa Bilateral de Investimentos, resultado da parceria exitosa entre a ApexBrasil, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil e a UE, chega no momento perfeito. Apresenta uma imagem clara da relevância histórica do nosso relacionamento de investimento. Em meio a seus números e tendências, o Mapa faz um apelo para os próximos anos: o Brasil e a UE devem continuar trabalhando juntos para promover novos investimentos na transição verde.

A UE está pronta para responder a esse apelo e trabalhar em parceria com o Brasil, de modo a enfrentar esse desafio global. Juntos podemos fazer mais!

[b] Estratégia de Financiamento Sustentável: https://finance.ec.europa.eu/publications/strategy-financing-transition-sustainable-economy_en
[c] Global Gateway: https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/stronger-europe-world/global-gateway_en
[d] Acordo de Associação Mercosul-EU: https://policy.trade.ec.europa.eu/eu-trade-relationships-country-and-region/countries-and-regions/mercosur/eu-mercosur-agreement_en

Sumário executivo

Com EUR 263 bilhões investidos no país, o Brasil se destaca como o maior destino de Investimento Estrangeiro Direto (IED) dos países da União Europeia na América Latina, com participação de 41,5% do estoque localizado na região e 3,1% do estoque total em 2020. Ademais o Brasil é o sexto maior destino de IED extra-UE, atrás apenas dos Estados Unidos, Reino Unido, Suíça, Canadá e Rússia.

O Brasil foi o principal destino, entre as grandes economias emergentes, dos fluxos externos de IED da União Europeia entre 2014 e 2020. Somados os fluxos de investimentos e de desinvestimentos ao longo do período, o Brasil teve um saldo líquido positivo de EUR 124,5 bilhões, contra EUR 60,5 bilhões para a China, EUR 53,7 bilhões para o México e EUR 35,7 bilhões para a Índia.

Dentro do bloco dos emergentes, o Brasil foi o segundo destino mais rentável para os investimentos das empresas europeias, com retorno de EUR 14,3 bilhões, apenas atrás da China, cujo retorno foi de EUR 16,6 bilhões em 2020. A Índia tem uma economia maior que a do Brasil, mas auferiu lucros substancialmente menores. Entre todos os destinos de investimento fora da União Europeia, o Brasil foi responsável pelo sexto maior valor de renda líquida auferida pelos investidores europeus, ficando atrás apenas de Reino Unido, Estados Unidos, Suíça, China e Singapura.

Entre 2016 e 2020, a base de dados Orbis BvD identificou 19.211 anúncios de investimentos em projetos produtivos, também conhecidos como projetos greenfield, por parte de empresas da União Europeia em países situados fora do bloco. O valor total desses anúncios foi de EUR 527,3 bilhões. Desse total, EUR 88,1 bilhões, ou 16,7% foram destinados aos Estados Unidos. Com EUR 20,1 bilhões em valores anunciados, 3,8% do total, o Brasil foi o sexto maior destinatário de investimentos da UE e o segundo destino latino-americano, atrás do México (EUR 28,8 bilhões).

Chama-se a atenção para o fato de que, caso apenas o ano de 2020 seja considerado, o Brasil salta para a quarta posição entre os principais destinos dos anúncios de investimentos da União Europeia naquele ano, ultrapassando Índia e México. Isso é relevante pois 2020 foi o primeiro ano da pandemia, o que levou a uma contração de 42% dos fluxos internacionais de investimento estrangeiro direto, conforme a UNCTAD. Apesar da contração, empresas da União Europeia mantiveram elevado interesse em investir no Brasil, com anúncios de investimentos que não só superaram os valores de 2019, mas que permitiram ao Brasil superar alguns de seus pares internacionais como destino de investimentos produtivos por parte de empresas da UE.

Anúncios de investimentos voltados para a atividade de "Manufaturas", ou seja, o estabelecimento ou expansão de alguma instalação industrial no Brasil, totalizaram EUR 10,5 bilhões, entre 2016 e 2020. Esse valor representou 52,6% do total, o que demonstra a atratividade do Brasil como plataforma de produção tanto para o mercado interno quanto para os mercados de exportação do país.

Empresas da União Europeia anunciaram 4.856 transações de fusões e aquisições (M&A) entre 2016 e 2020. Empresas britânicas foram o alvo de 1.233 fusões e aquisições, seguidas por empresas sediadas nos Estados Unidos. O Brasil foi o 11º destino geral das fusões e aquisições da UE e o principal da América Latina, com a Orbis identificando 113 investimentos europeus no país contra 44 no México e 35 no Chile.

Conforme a Fitch, identificou-se 133 obras de infraestrutura no Brasil com participação de empresas europeias atuando como patrocinadoras ou operadoras dos projetos. Percebe-se uma grande concentração no setor de "Energia & Serviços de Utilidade Pública", que agrupa 108 dos 133 projetos, enquanto 18 projetos pertencem ao setor de "Transportes" e os 7 restantes ao setor de "Construção". Destaca-se o enorme interesse do capital europeu pelo potencial brasileiro na geração de energia verde: dos 133 projetos totais, 50 são parques eólicos e 24 são usinas solares.

Das 1.000 empresas atuantes no Brasil com maior receita líquida no ano fiscal de 2020, 128 contaram com capital de países da União Europeia. Ao todo, essas empresas totalizaram R$ 1 trilhão em receita líquida em 2020. A título de comparação, do mesmo pool de 1.000 empresas, 53 empresas contaram com capital dos Estados Unidos, totalizando R$ 282 bilhões em receita líquida.

Entre os países da América Latina, o Brasil é a maior origem dos investimentos diretos na União Europeia. O estoque de investimento direto brasileiro na União Europeia chegou a EUR 75,2 bilhões em 2020, ou EUR 77,4 bilhões em ativos. O Brasil foi a origem de mais da metade dos investimentos da América Latina no bloco europeu. Esse dado mostra que a presença de empresas brasileiras, se comparada às demais economias latino-americanas, é mais representativa.

Entre 2016 e 2020, a Orbis BvD identificou 551 anúncios de investimentos em projetos produtivos por parte de empresas do Brasil no exterior. O valor total desses anúncios foi de EUR 7,1 bilhões. Com anúncios avaliados em EUR 1,6 bilhão, ou 22,9% do total, os Estados Unidos foram o principal destino dos investimentos brasileiros no exterior ao longo do período analisado. Em seguida veio a Colômbia, com EUR 888,2 milhões em investimentos anunciados no país sul-americano. A União Europeia vem logo atrás, com anúncios de investimentos totalizando EUR 806,1 milhões.

Em relação aos setores das empresas que originaram os anúncios de investimentos produtivos na União Europeia entre 2016 e 2020, o setor de “Software” concentrou 33,2% dos valores anunciados totais (ou EUR 267,5 milhões), refletindo não apenas a atratividade do mercado europeu, mas também o alto nível de qualificação técnica da mão de obra local.

1. Panorama Macroeconômico

Brasil

O Brasil é a maior economia da América Latina, com um PIB de US$ 1,6 trilhão em 2021.[1] Sua extensão territorial, o tamanho da sua população, a abundância de recursos naturais e um parque industrial dinâmico e diversificado fazem do país um destino natural para investimentos estrangeiros diretos (IED). Conforme a UNCTAD, o Brasil detinha o 17º maior estoque de IED do mundo em 2021, estimado em US$ 593 bilhões, à frente de países como México, Índia e Japão. Sozinho, o Brasil representa 27,7% do estoque de IED aplicado na América Latina e Caribe.

A economia do país tem demonstrado considerável resiliência desde a recessão global resultante das medidas de contenção da epidemia de Covid-19. Em 2020, o PIB brasileiro contraiu 3,9%, enquanto o de seus pares latino-americanos como Argentina, México e Colômbia caiu 9,9%, 8,1% e 7,0%, respectivamente.[2] Em 2021, após uma expansão de 4,6%, a economia brasileira já havia superado as perdas de 2020. Para 2022, a projeção oficial do Banco Central do Brasil para o crescimento do PIB em 2022 passou de 1% para 1,7% e, finalmente, para 2,7%. Mantida essa projeção, o Brasil voltará a ocupar um lugar entre as dez maiores economias do mundo, saltando três posições em um ano e ultrapassando Austrália, Rússia e Coreia do Sul.

A mesma resiliência foi apresentada pelo Brasil na atração de capital estrangeiro. Em 2020, o país recebeu US$ 28 bilhões em IED, o que fez do país o 9º maior destino de investimentos internacionais. Em 2021, o influxo de IED no Brasil foi de US$ 50 bilhões, 78,6% maior que no ano anterior, o que levou o país a ocupar a 6ª posição como destino global de IED, mesma posição que o país ocupou em 2019.

1 – Fonte: IMF Datamapper.
2 – Fonte: Euromonitor.

Essa recuperação é indicativa da confiança que o investidor estrangeiro tem nos fundamentos econômicos no país e da atratividade que o Brasil possui como plataforma de produção para empresas estrangeiras.

O país segue adiante com as reformas voltadas para a redução da dívida pública, o aumento do investimento e a redução de barreiras ao IED. Em 2016, foi criado o Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) com a finalidade de ampliar e fortalecer a interação entre o Estado e a iniciativa privada por meio da celebração de contratos de parceria e de outras medidas de desestatização. São objetivos do PPI[3]:

- Ampliar as oportunidades de investimento e emprego e estimular o desenvolvimento tecnológico e industrial, em harmonia com as metas de desenvolvimento social e econômico do País;
- Garantir a expansão com qualidade da infraestrutura pública, com tarifas adequadas aos usuários;
- Promover ampla e justa competição na celebração das parcerias e na prestação dos serviços;
- Assegurar a estabilidade e a segurança jurídica dos contratos, com a garantia da mínima intervenção nos negócios e investimentos;
- Fortalecer o papel regulador do Estado e a autonomia das entidades estatais de regulação.

As iniciativas do governo brasileiro no âmbito dos investimentos vêm trazendo claros resultados. Nos cinco anos entre 2017 e 2021, a formação bruta de capital fixo (FBCF) do Brasil cresceu a uma média anual de 9,6%. A título de comparação, o PIB brasileiro cresceu 0,9% ao ano no mesmo período. Se em 2017 a relação FCBF representava 13,8% do PIB brasileiro, em 2021 essa relação havia alcançado 19,2% do PIB, um aumento de 5,4 pontos percentuais em cinco anos.[4]

Os avanços legislativos e as reformas implementadas receberam a chancela da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), cujos 38 membros decidiram em janeiro de 2022, por unanimidade, convidar o Brasil a dar início ao processo formal de ingresso na organização.

3 – Programa de Parcerias de Investimentos (PPI)
4 – Fonte: Euromonitor.

Conforme o Ministério da Economia do Brasil, "Quando ingressar como membro, o Brasil será o maior mercado emergente a ter governança e legislação econômica compatíveis com os exigentes padrões da Organização.

O Brasil ainda poderá desfrutar de posição estratégica privilegiada no cenário econômico internacional: será o único país a fazer parte simultaneamente da OCDE, do grupo dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e do Grupo dos 20 (G20), que reúne as 20 maiores economias mundiais. Esses grupos recorrentemente formulam posições comuns e influenciam o curso da economia global." [5]

União Europeia

A União Europeia é o caso mais bem sucedido de integração entre países soberanos. Partindo de uma comunidade econômica formada por seis membros, a integração europeia alcançou hoje o estágio de união política e econômica entre 27 países, unindo mais de 400 milhões de pessoas e criando uma das maiores áreas econômicas do mundo. Fosse a UE um país, seu PIB de US$ 17,1 trilhões seria o terceiro maior do mundo em 2021, atrás apenas dos Estados Unidos e da China.[6]

Segundo a OCDE, a pandemia resultou na maior recessão já vivida pela UE e aumenta o risco de aumento de desigualdades, particularmente entre regiões. Uma resposta forte e inovadora por parte dos membros da União Europeia, particularmente o lançamento do Next Generation EU[7], permitiu a retomada do crescimento econômico já em 2021.[8]

Após uma contração de 5,8% em 2020, em função da pandemia de Covid-19, a economia da UE cresceu 5,4% em 2021. Mantida a projeção de crescimento do FMI para 2022, de 2,8%, a economia da EU só deve alcançar os patamares pré-covid em 2023.[9]

5 – https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/ocde/processo-de-acessao-do-brasil-a-ocde
6 – Fonte: Euromonitor.
7 – Instrumento de financiamento econômico destinado a apoiar a recuperação econômica dos países mais afetados pela pandemia. Em tese, significou uma reversão da política de austeridade fiscal implementada após a crise financeira de 2008.
8 – Fonte: OECD Economic Surveys European Union. Setembro 2021.
9 – Fonte: IMF. World Economic Outlook Abril. 2022.

Apesar da contração econômica durante o auge da pandemia, a UE manteve seu posto de segunda maior detentora de estoque de investimento estrangeiro direto, atrás apenas dos Estados Unidos. Com um estoque interno de IED de US$ 11,6 trilhões, a UE concentrava 25,5% do estoque de IED global em 2021.[10] [11]

Em 2021, o influxo de IED na União Europeia foi de US$ 138 bilhões, o menor valor desde 1997 e uma contração de 34% em relação a 2020. Essa queda foi puxada principalmente por Alemanha e Irlanda, que apresentaram redução de entrada de IED de 51,6% e 80,6%, respectivamente. Apesar da queda, a União Europeia como um todo foi o quarto maior destino de IED em 2021, atrás apenas dos Estados Unidos, da China e de Hong Kong.

Se, por um lado, a União Europeia sofreu uma queda no influxo de IED, por outro, o bloco retomou seu ímpeto investidor em 2021. O fluxo externo europeu de IED de US$ 397,6 bilhões fez do bloco o segundo maior emissor de IED naquele ano, atrás somente dos Estados Unidos. Além de o fluxo externo de IED ter superado os valores de 2020 (US$ 66,4 bilhões), auge da pandemia, também superou os valores pré-pandêmicos de 2019 (US$ 368,3 bilhões).

10 – Inclui-se os investimentos intra-bloco.
11 – Fonte: UNCTAD. World Investment Report 2022

2. Investimento estrangeiro direto da União Europeia no Brasil[12]

2.1 Posição de investimento estrangeiro direto[13]

Segundo dados da Eurostat[14], órgão da Comissão Europeia responsável pelas informações estatísticas da União Europeia (UE), o estoque de investimentos diretos de países da UE no mundo somou EUR 15,6 trilhões em 2020. A maior parte do estoque, 55%, está em países fora do bloco (extra-UE). Investimentos diretos fora do bloco somaram EUR 8,6 trilhões em 2020. Os Estados Unidos foram o principal destino dos investimentos da UE, com um estoque de capital totalizando EUR 2,1 trilhões, equivalente a 24,3% do total extra-bloco e 13,4% do total geral. A América Latina, por sua vez, foi destino de 7,4% dos investimentos diretos extra-UE, com estoque de EUR 634 bilhões – e EUR 652,4 bilhões em ativos em 2020.

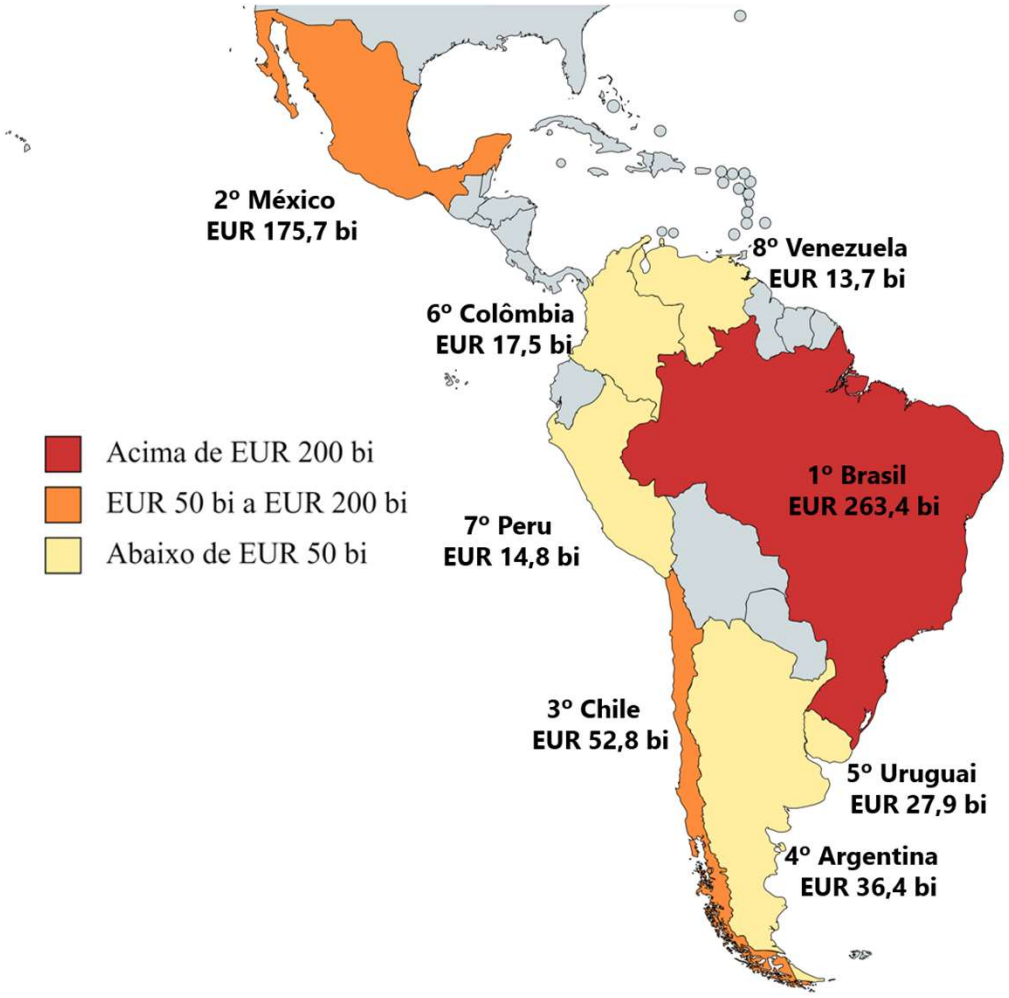
Com EUR 263 bilhões investidos no país, o Brasil se destaca como o maior destino de Investimento Estrangeiro Direto (IED) dos países da União Europeia na América Latina, com participação de 41,5% do estoque localizado na região e 3,1% do estoque total. Ademais o Brasil é o sexto maior destino de IED extra-UE, atrás apenas dos Estados Unidos, Reino Unido, Suíça, Canadá e Rússia.

12 – Os investimentos estrangeiros podem ocorrer sob a forma de investimentos estrangeiros diretos (IED) ou de investimentos em carteira. Segundo definição da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), o IED é constituído quando o investidor demonstra interesse duradouro no país de destino, ou seja, quando ele detém 10% ou mais das ações ordinárias ou do direito a voto em uma empresa; e considera-se como investimento em carteira valores inferiores a 10%.

13 – A posição de investimento direto trata sobre ativos, passivos e estoque de IED do conjunto de empresas de um país/região de origem em um país/região de destino. O estoque de IED para empresas subsidiárias consiste no valor da participação no seu capital e reservas atribuíveis à matriz (ou seja, aos seus ativos menos seus passivos totais), mais o endividamento líquido da subsidiária junto à matriz. Para filiais, refere-se ao valor de seus ativos circulantes e não circulantes, exclusive o montante devido da matriz, menos as obrigações para com terceiros. Esse número também pode ser negativo, porém essa ocorrência estará mais relacionada aos métodos de contabilidade dos organismos utilizados como fonte ou a grandes movimentos de desinvestimento.

14 – Pesquisa realizada em julho de 2022. Algumas atualizações podem ter sido realizadas pela Eurostat.

Mapa 1 - Posição de Investimento Direto da União Europeia na América Latina (2020)



Fonte: Eurostat.

Embora o Brasil seja o principal destino dos investimentos da UE na América Latina, o estoque de capital da UE no país contraiu a uma média de 7,7% ao ano entre 2016 e 2020, 5,4 pontos percentuais acima da média regional ao longo do mesmo período. Parte da explicação reside no fato de que o estoque de investimento da UE investido no Brasil entre 2019 e 2020 caiu 15,1%, acima da média regional de queda de 10,4%. Ressalta-se, entretanto, que a contração dos investimentos na Argentina, terceira maior economia da região, foi ainda maior, com uma queda de 18,5% entre 2019 e 2020. Essa queda, tanto no Brasil quanto na região e no mundo, foi resultado da crise econômica decorrente da pandemia de Covid-19.

Além dos fluxos, outros fatores impactaram o valor dos estoques de IED, particularmente variações nas cotações de mercado de ações das empresas investidas e variações na taxa de câmbio. A desvalorização da moeda brasileira frente ao euro reduziu o valor dos estoques nesta última moeda, e de fato a moeda brasileira sofreu uma desvalorização de 33,4% frente ao Euro no período de 2016 a 2020[15].

É importante ressaltar que, apesar da contração do estoque de IED da UE durante os anos de 2016 e 2020, o Brasil permaneceu sendo o principal destino dos investimentos do bloco na América Latina, com um estoque de capital 49,9% maior que o estoque mexicano, aproximadamente cinco vezes maior do que o chileno e sete vezes maior do que o argentino.

Tabela 1 – Posição de Investimento Direto da União Europeia na América Latina[16] (2020)

País	Estoque			Ativos		
	Valor (EUR milhões)	CMA 2016-2020	Participação	Valor (EUR milhões)	CMA 2016-2020	Participação
Brasil	**263.415**	**-7,7%**	**41,5%**	**266.400**	**-7,7%**	**40,8%**
México	175.771	6,1%	27,7%	182.767	5,1%	28,0%
Chile	52.815	-0,8%	8,3%	54.174	-0,4%	8,3%
Argentina	36.442	-3,1%	5,7%	37.460	-2,7%	5,7%
Uruguai*	27.963	23,2%	4,4%	29.586	-	4,5%
Colômbia	17.526	3,8%	2,8%	18.558	4,2%	2,8%
Peru	14.888	-2,7%	2,3%	15.855	-1,5%	2,4%
Venezuela	13.749	-8,6%	2,2%	14.549	-7,7%	2,2%
América Latina*	**634.035**	**-2,3%**	**100%**	**653.371**	**-**	**100%**

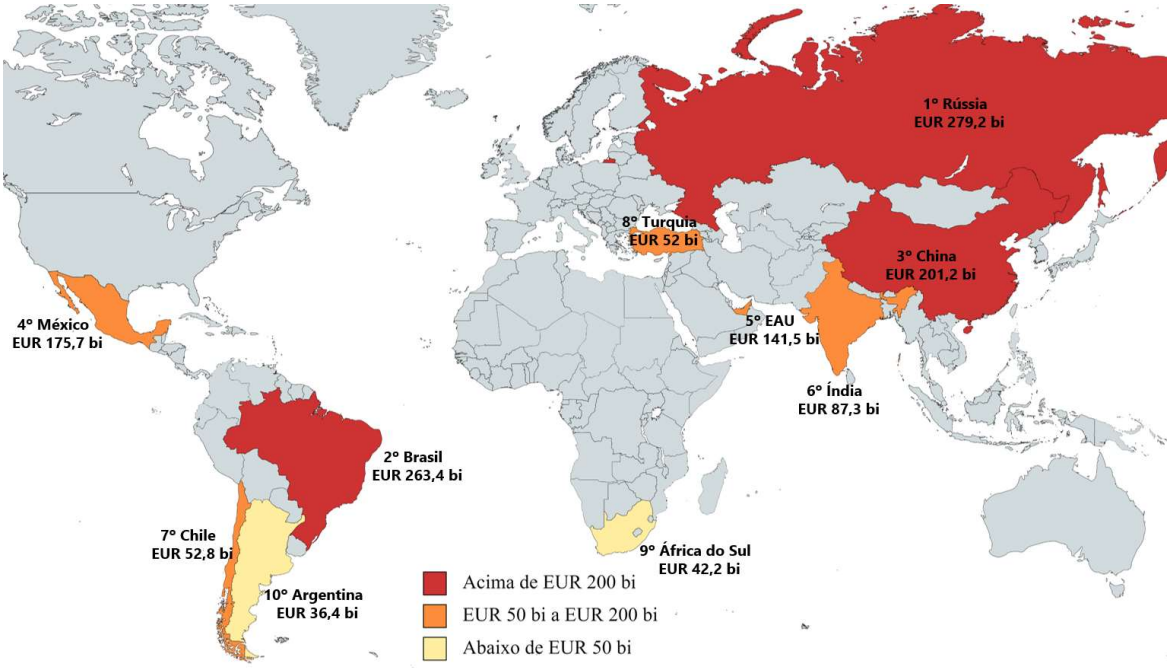
Fonte: Eurostat - *Os dados de ativos do Uruguai e América Latina só foram disponibilizados a partir de 2017, por isso não é possível calcular o crescimento.

Ademais, não apenas o Brasil manteve-se como maior detentor latino-americano de IED da União Europeia, mas foi o segundo principal destino de IED da União Europeia entre os emergentes fora do bloco.[17] Ressalta-se, entretanto, que a Rússia só superou o Brasil como destino de IED da UE em 2020 e que, em função das sanções impostas à crise na Ucrânia, houve uma contração ainda não contabilizada dos investimentos europeus no país.

15 – Banco Central do Brasil: https://www.bcb.gov.br/conversao
16 – CMA = Crescimento Médio Anual.
17 – Economias emergentes conforme critérios do FMI.

Também se observa que o estoque de IED europeu no Brasil superou, inclusive, o estoque na China e na Índia, cujas economias são maiores que a brasileira[18].

Mapa 2 - Posição de Investimento Direto da UE nos Países Emergentes fora do Bloco (2020)



Fonte: Eurostat. *Países Emergentes, segundo o FMI.

Apesar de a economia brasileira (PIB) ter participação de 5,1% no PIB total dos países emergentes fora do bloco europeu, o Brasil tem 17,8% de participação no estoque de investimento direto europeu nesses países emergentes. Isso mostra o grau de abertura da economia brasileira e sua forte integração com as multinacionais europeias.

O estoque de investimento europeu nos países emergentes fora do bloco cresceu a taxas de 2,1% entre 2016 e 2020, apesar dos impactos da pandemia. Por outro lado, o estoque de investimento europeu no mundo sofreu retração de 1,6%. Dessa maneira, observa-se a resiliência das economias emergentes na atração de investimento europeu.

18 – Importa ressaltar que a fonte dessa análise, a Eurostat, mensura o estoque de investimentos da União Europeia geograficamente distribuídos na ótica imediata. Logo, muitos investimentos destinados à China e à Índia como destino final podem estar sendo triangulados por outros mercados, o que pode indicar um resultado subestimado acima.

Tabela 2 – Posição de IED da União Europeia nos Países Emergentes fora do Bloco (2020)

Ranking	País	Valor (EUR milhões)	CMA 2016 - 2020	Participação
1	Rússia	279.185	0,3%	18,9%
2	**Brasil**	**263.415**	**-7,7%**	**17,8%**
3	China	201.203	4,3%	13,6%
4	México	175.771	6,1%	11,9%
5	EAU	141.492	47,1%	9,6%
6	Índia	87.338	9,7%	5,9%
7	Chile	52.815	-0,8%	3,6%
8	Turquia	52.026	-7,5%	3,5%
9	África do Sul	42.206	-2,4%	2,9%
10	Argentina	36.442	-3,1%	2,5%
11	Malásia	27.848	8,7%	1,9%
12	Indonésia	25.232	-4,6%	1,7%
13	Arábia Saudita	20.511	-2,3%	1,4%
14	Tailândia	20.000	1,7%	1,4%
15	Egito	18.101	n.d.	1,2%
16	Colômbia	17.526	3,8%	1,2%
17	Filipinas	13.814	n.d.	0,9%
18	Irã	2.726	n.d.	0,2%
	Total	**1.477.648**	**2,1%**	**100%**

Fonte: Eurostat

Como se observa na tabela 3, os Países Baixos são a origem reportada de quase metade dos investimentos diretos da União Europeia no Brasil. A razão desses altos valores atribuídos aos Países Baixos é a sua condição de hub financeiro europeu, servindo como um canal natural das empresas do bloco para suas operações de IED no exterior. Além da condição de hub financeiro, os Países Baixos também têm forte atuação no Brasil por meio de empresas como Heineken (Bebidas), Philips (Eletroeletrônicos), AkzoNobel (Químicos), Makro (Comércio Atacadista), C&A (Comércio Varejista) e Shell (Energia).[19] A Shell, inclusive, participou da criação da Raízen, joint-venture formada em 2010 com a Cosan e que em 2020 alcançou o posto de quarta maior empresa operando no Brasil quando medido por receita líquida.[20]

19 – Embora a Shell hoje tenha sua sede em Londres, no período coberto pelo estudo, 2016-2020, a sede ainda era em Haia.
20 – Fonte: Valor 1000

Tabela 3 – Posição de IED da União Europeia no Brasil por Origem (2020)

País	Valor (EUR milhões)	CMA 2016 - 2020	Participação
Países Baixos	123.549	-10,5%	46,9%
Espanha	42.417	-6,8%	16,1%
Luxemburgo	38.165	-6,3%	14,5%
França	21.909	-2,3%	8,3%
Alemanha	10.155	-7,9%	3,9%
Itália	9.836	-1,4%	3,7%
Bélgica	4.477	20,2%	1,7%
Suécia	3.618	-2,8%	1,4%
Portugal	2.267	-9,7%	0,9%
Dinamarca	1.102	0,4%	0,4%
Outros (não confidencial)[1]	1.181	-2,3%	0,4%
Outros (confidencial)[2]	4.739	1,6%	1,8%
União Europeia	**263.415**	**-7,7%**	**100%**

Fonte: Eurostat.
[1] Finlândia, Hungria, Irlanda, Eslováquia, Polônia, Bulgária, Estônia, Chipre, Eslovênia, Croácia e República Tcheca.
[2] Grécia, Letônia, Lituânia, Malta, Áustria e Romênia.

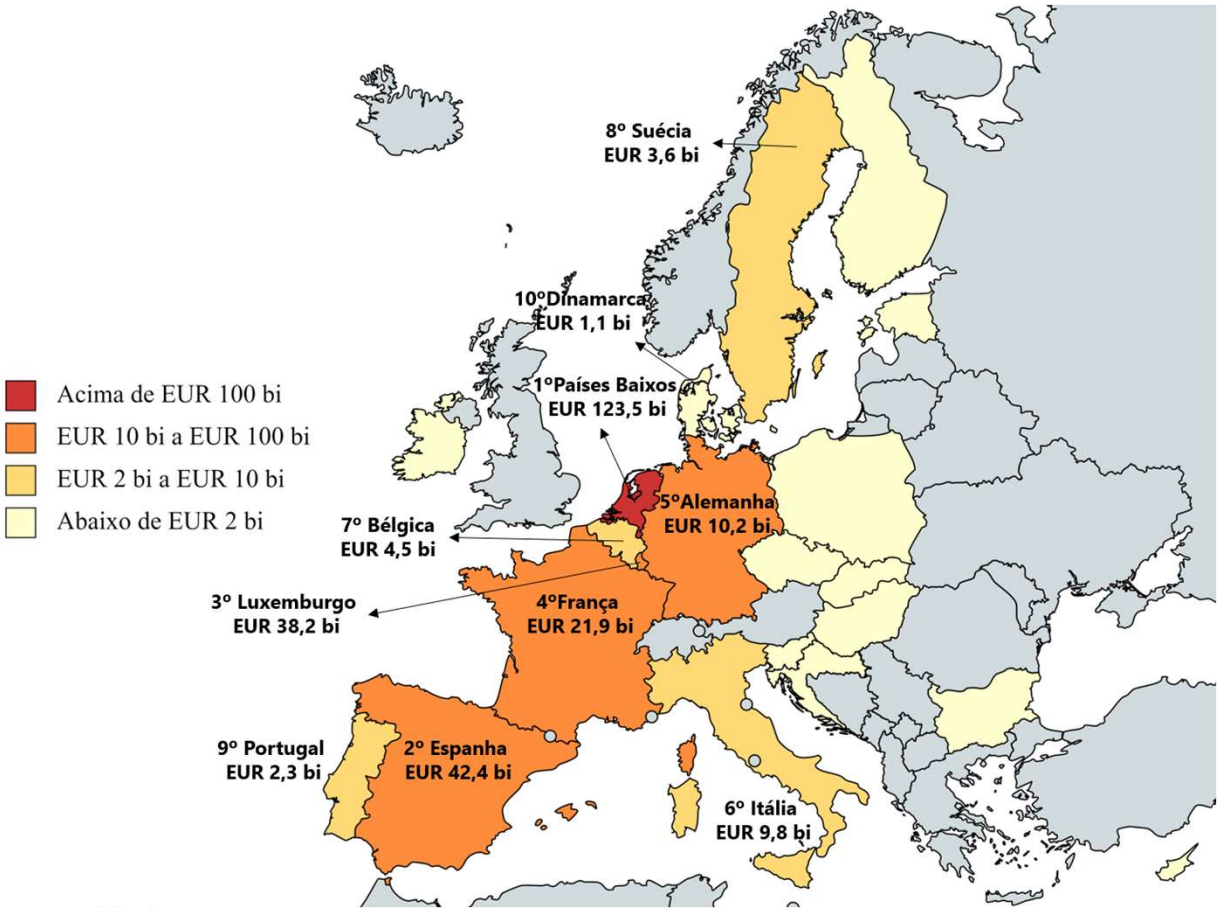
A Espanha é outra origem de destaque do estoque de IED europeu no Brasil. Entre os países da União Europeia, o país ibérico possui 4,4% dos investimentos diretos europeus fora do bloco, mas no Brasil a Espanha possui 16,1% de participação e ocupa a segunda posição no ranking dos que mais investem no Brasil. O país europeu teve atuação destacada no processo de privatização das companhias de telecomunicações do Sistema Telebrás do estado de São Paulo. Entre 1998 e 2000, o grupo Telefónica adquiriu a Telecomunicações de São Paulo S.A. (TELESP), a Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC), a Telesp Participações S.A. e a Centrais Telefônicas de Ribeirão Preto S.A. (CETERP). Em 2010, a Telefónica adquiriu as ações da Vivo, que pertenciam à Portugal Telecom, se tornando líder do mercado de telecomunicações do Brasil.[21]

As três maiores economias do bloco – Alemanha, França e Itália – completam a lista dos seis maiores investidores da União Europeia no Brasil. Cabe observar que como os investimentos são frequentemente triangulados via Países Baixos, isso pode implicar em valores subestimados para alguns países do bloco, o que ocorre especialmente com esses três países.

21 – Fonte: Telefónica. Disponível em https://ri.telefonica.com.br/pt/a-empresa/nossa-historia

Onze países da UE somaram estoques de IED abaixo de EUR 1,2 bilhão: Finlândia, Hungria, Irlanda, Eslováquia, Polônia, Bulgária, Estônia, Chipre, Eslovênia, Croácia e República Tcheca. Além disso, os outros membros do bloco não tiveram registros de estoque de IED no Brasil ou não foram disponibilizados por razões de confidencialidade, segundo o Eurostat. Destaca-se que Luxemburgo também é um hub financeiro europeu. Além disso, é o segundo maior investidor da União Europeia fora do bloco, atrás apenas dos Países Baixos. Tomando-se novamente os dados de estoque de IED europeu, Luxemburgo consta como maior investidor que a Alemanha no Brasil.

Mapa 3 - Estoque de IED da União Europeia no Brasil por Origem (2020)



Fonte: Eurostat.

Como se observa na tabela 4, a maior parte dos investimentos diretos da União Europeia no Brasil estão alocados nos setores de "Comércio (Atacado e Varejo)", Serviços Financeiros"" e "Manufatura", os quais juntos representam 78,2% do estoque no país. Pela perspectiva setorial dos investimentos europeus fora do bloco, o Brasil possui forte participação nos setores de "Comércio (Atacado e Varejo)" com 13%, "Serviços de Informação e Comunicação" com 6,9%, "Extração Mineral" com 6,3% e "Eletricidade e Gás" 4,7%, enquanto a participação média de todos os setores somados foi de 3,4% em 2019, último ano disponível com dados setoriais.

Tabela 4 – Posição de IED da União Europeia no Brasil por Setor Econômico[22] (2019)

Setor	Estoque de IED no Brasil (EUR milhões)	CMA 2016-19	Participação do setor no estoque de IED no Brasil	Participação do Brasil no estoque de IED do setor em Países Extra-UE
Comércio Atacadista e Varejista	101.094	95,7%	32,6%	13,0%
Serviços Financeiros e de Seguro	71.319	-1,0%	23,0%	2,2%
Manufaturas	70.114	-15,9%	22,6%	2,3%
Serviços de Informação e Comunicação	17.603	-15,5%	5,7%	6,9%
Extração Mineral	17.414	-	5,6%	6,3%
Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	12.962	-6,8%	4,2%	2,2%
Eletricidade e Gás	5.465	2,8%	1,8%	4,7%
Transporte e Armazenamento	4.294	-	1,4%	1,9%
Construção	3.364	23,0%	1,1%	2,6%
Serviços de Escritório e Apoio Administrativo	2.202	-49,6%	0,7%	2,0%
Outros Setores	2.962	-19,6%	1,0%	0,8%
Total	**310.109**	**-5,1%**	**100%**	**3,4%**

Fonte: Eurostat.

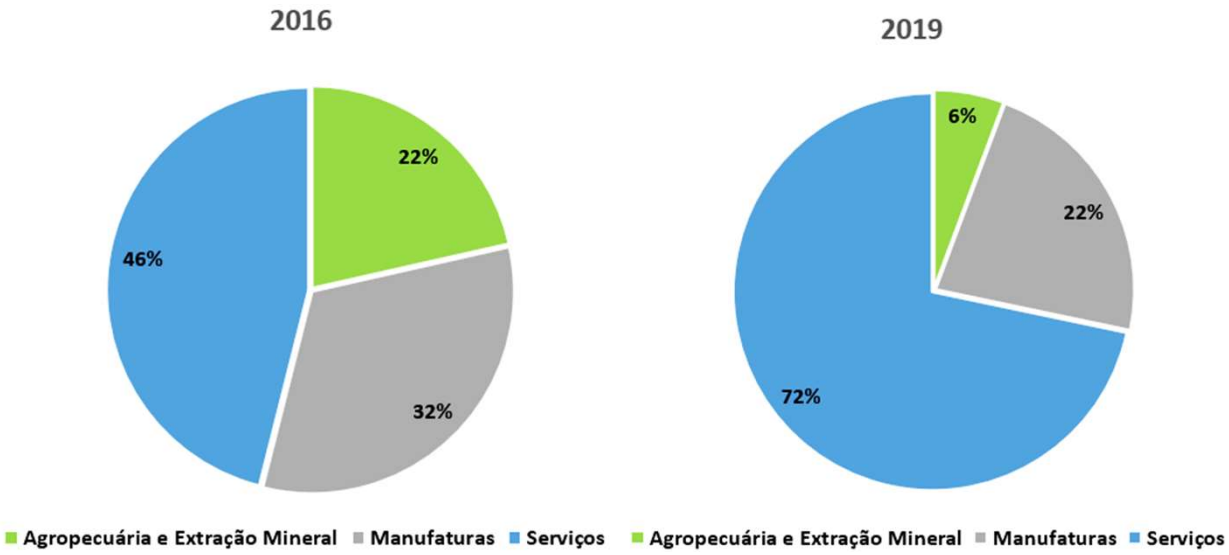
O estoque de IED europeu em atividades de Serviços no Brasil somou EUR 222,4 bilhões em 2019, o que representa 72% do estoque total. Essa participação é superior aos 46% registrados em 2016 e mostra a atratividade do mercado de serviços brasileiro. A maior parte dos investimentos no setor de serviços foram nos subsetores de "Comércio Atacadista e Varejista", "Serviços Financeiros" e "Serviços de Informação e Comunicação".

22 – O crescimento médio anual apresentado por "Comércio Atacado e Varejo" de 95,7% foi resultado da variação ocorrida entre 2018 e 2019, quando os valores investidos saltaram de EUR 12,6 bilhões para EUR 101,1 bilhões. No mesmo biênio, os valores investidos extra-bloco no mesmo setor passaram de EUR 341,6 bilhões para EUR 779 bilhões. Esses aumentos substanciais são possivelmente explicados por ajustes metodológicos e estatísticos por parte da Eurostat.

Dentro das atividades de Manufatura, destacam-se “fabricação de veículos automotivos” (EUR 12,9 bilhões), “metalurgia básica e fabricação de produtos metálicos” (EUR 9,8 bilhões), “Coque e derivados do petróleo” (EUR 8,9 bilhões), “fabricação de químicos e produtos petroquímicos” (EUR 8,1 bilhões) e “fabricação de alimentos, bebidas e tabaco” (EUR 7,8 bilhões).

Já as atividades “Agropecuária e Extração Mineral” são 98% compostas por investimentos em Extração de Petróleo e Gás Natural com estoque de IED europeu no valor de EUR 17,2 bilhões em 2019.

Gráfico 1 – Composição do estoque de IED da UE no Brasil por setor de atividade



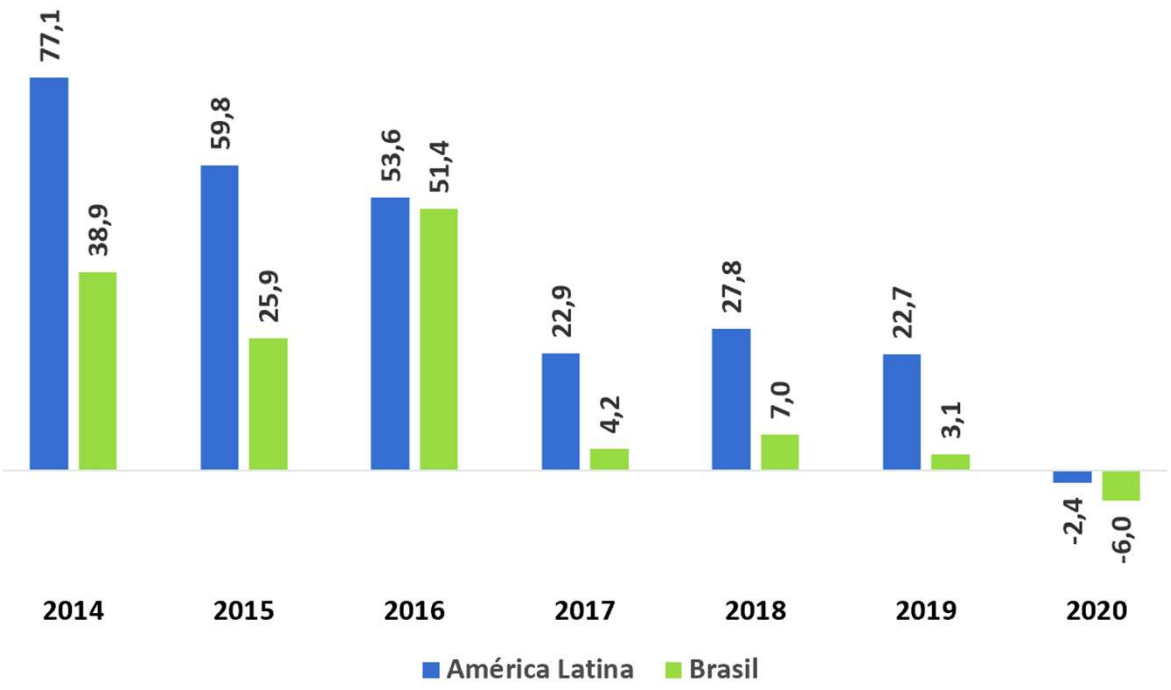
Fonte: Eurostat.

Considerando os investimentos da União Europeia fora do bloco em 2019, na perspectiva da participação do Brasil nesses investimentos pela visão setorial, nota-se que apesar dos investimentos da União Europeia em “Agropecuária e Extração Mineral” no Brasil terem diminuído, o Brasil possui, numa perspectiva de investimentos europeus fora do bloco, 6,3% dos investimentos em “Agropecuária e Extração Mineral”, 2,3% dos investimentos em “Manufaturas” e 3,9% dos investimentos em “Serviços”.

2.2 Fluxo de investimento estrangeiro direto[23]

Em 2016, o fluxo de IED da União Europeia para o Brasil foi de EUR 51,4 bilhões conforme o Eurostat. Nos anos seguintes, observa-se uma redução do ritmo de investimento europeu no Brasil e na América Latina. Em 2020, o fluxo de IED da União Europeia para o Brasil e para a região como um todo teve registro negativo, o que significa que o desinvestimento superou os investimentos no período. Esse desinvestimento, possivelmente, foi causado pela pandemia do COVID-19.

Gráfico 2 – Fluxo de IED da UE para América Latina e Brasil (EUR bilhões)

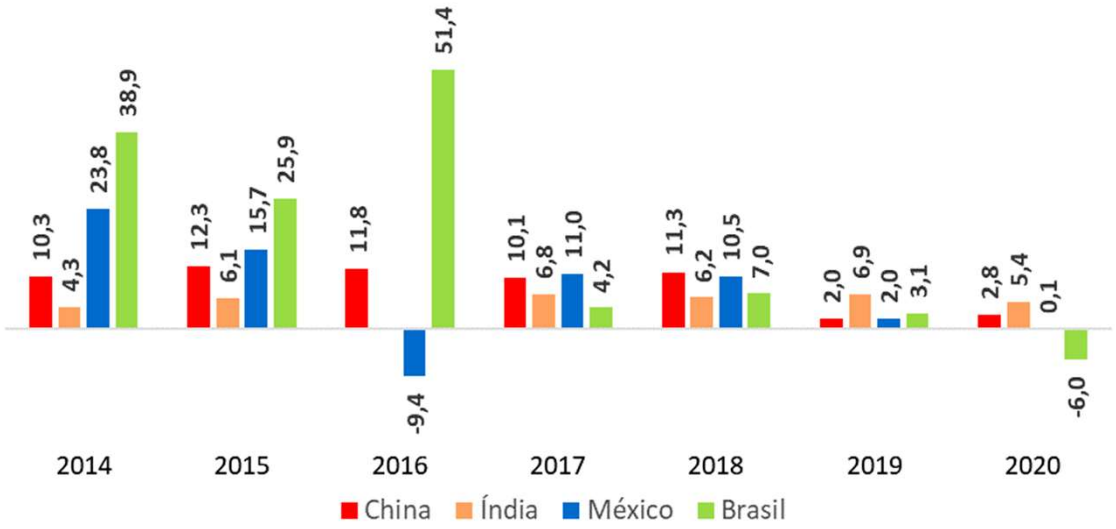


Fonte: Eurostat.

23 – A posição de investimento direto trata sobre ativos, passivos e estoque de IED do conjunto de empresas de um país/região de origem em um país/região de destino. O estoque de IED para empresas subsidiárias consiste no valor da participação no seu capital e reservas atribuíveis à matriz (ou seja, aos seus ativos menos seus passivos totais), mais o endividamento líquido da subsidiária junto à matriz. Para filiais, refere-se ao valor de seus ativos circulantes e não circulantes, exclusive o montante devido da matriz, menos as obrigações para com terceiros. Esse número também pode ser negativo, porém essa ocorrência estará mais relacionada aos métodos de contabilidade dos organismos utilizados como fonte.

Ressalta-se, entretanto, que apesar da queda ao longo da segunda metade da década passada, o Brasil foi o principal destino, entre as grandes economias emergentes selecionadas, dos fluxos externos de IED da União Europeia. Somados os fluxos de investimentos e de desinvestimentos entre 2014 e 2020, o Brasil teve um saldo líquido positivo no período de EUR 124,5 bilhões, contra EUR 60,5 bilhões para a China, EUR 53,7 bilhões para o México e EUR 35,7 bilhões para a Índia. Ao longo do mesmo período, o saldo líquido dos quatros países somados caiu de EUR 77 bilhões em 2014 para EUR 2 bilhões em 2020, auge da pandemia.

Gráfico 3 - Fluxo de IED da União Europeia para países selecionados (EUR bilhões)[24]



Fonte: Eurostat. Índia (2016): não disponível.

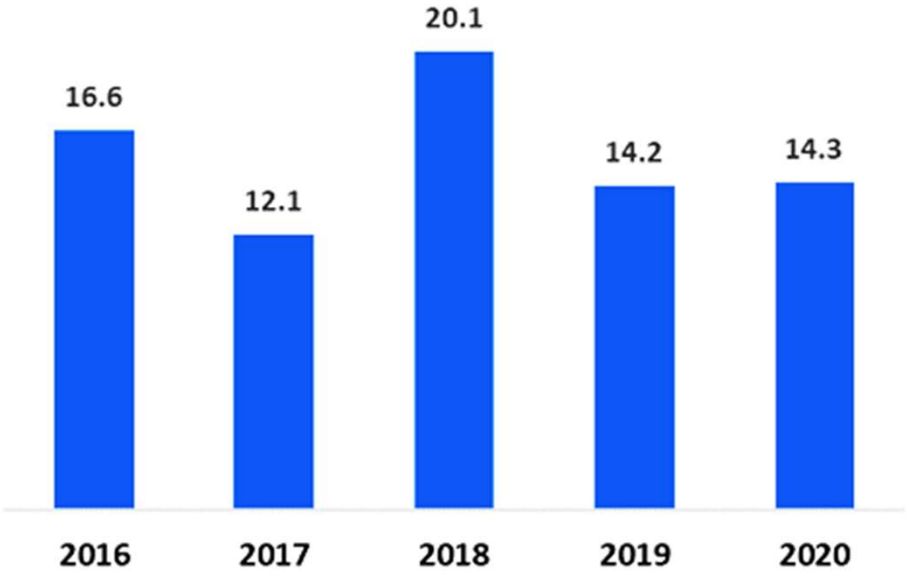
2.3 Renda de investimento estrangeiro direto

A Renda Líquida de Investimento Estrangeiro Direto é o valor auferido pelos investidores em suas atividades de IED no destino de investimento, a qual retorna ao seu país de origem. Esse valor, de acordo com o BPM6[25], não inclui os lucros reinvestidos no país de destino, apenas os lucros retornados à origem.

24 – Valores para a China excluem Hong Kong.
25 – Sexta edição do Manual de Balança de Pagamentos do Fundo Monetário Internacional.

O Gráfico 4 indica a Renda Líquida de IED auferida pelas empresas da União Europeia no Brasil no período de 2016 a 2020. Após a máxima de EUR 20,1 bilhões em 2018, o lucro anual remitido à UE se estabilizou em EUR 14,3 bilhões no biênio 2019-2020. A "Renda Líquida do IED" dividida pelo "Estoque de IED" pode ser interpretada como uma espécie de taxa de retorno anual pelo investimento. Em 2020, essa taxa foi de 5,4% contra 4,6% registrado em 2016. Apesar da Renda Líquida em 2020 ter sido menor que em 2016, a taxa de retorno foi maior. Portanto, pode-se dizer que a taxa de lucro das empresas europeias no Brasil aumentou, sinalizando ganhos de eficiência e competitividade.

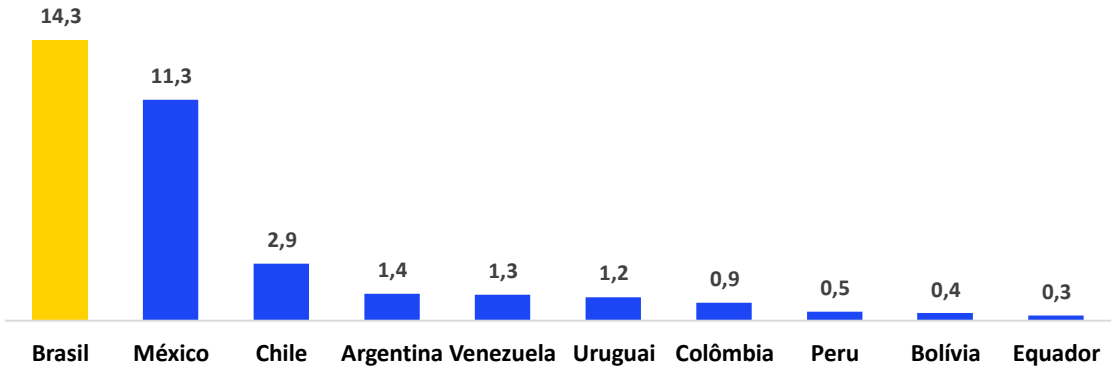
Gráfico 4 – Renda Líquida do IED da UE no Brasil (EUR bilhões)



Fonte: Eurostat.

O Brasil foi o país da América Latina que mais retornou lucro às empresas europeias em 2020. O valor da Renda Líquida do IED da União Europeia no Brasil foi de EUR 14,3 bilhões em 2020. O valor do México foi de EUR 11,3 bilhões e em terceiro lugar o Chile com EUR 2,9 bilhões.

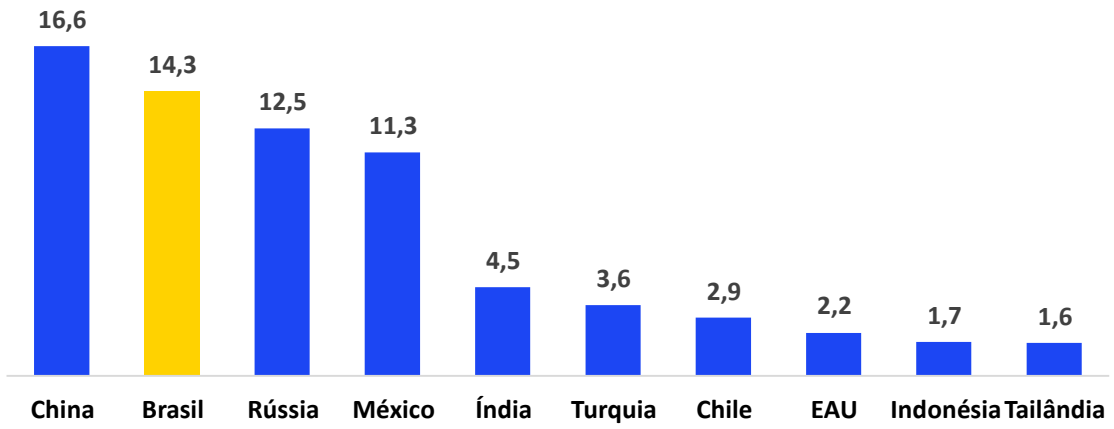
Gráfico 5 – Renda Líquida do IED da UE na América Latina em 2020 (EUR bilhões)



Fonte: Eurostat.

Percebe-se que, dentro do bloco dos emergentes, o Brasil foi o segundo destino mais rentável para os investimentos das empresas europeias, com retorno de EUR 14,3 bilhões, apenas atrás da China, cujo retorno foi de EUR 16,6 bilhões. A Índia tem uma economia maior que a do Brasil, mas auferiu lucros substancialmente menores. Entre todos os destinos de investimento fora da União Europeia, o Brasil foi responsável pelo sexto maior valor de renda líquida auferida pelos investidores europeus, ficando atrás apenas de Reino Unido, Estados Unidos, Suíça, China e Singapura.

Gráfico 6 – Renda Líquida do IED da UE nos Países Emergentes em 2020 (EUR bilhões)[26]

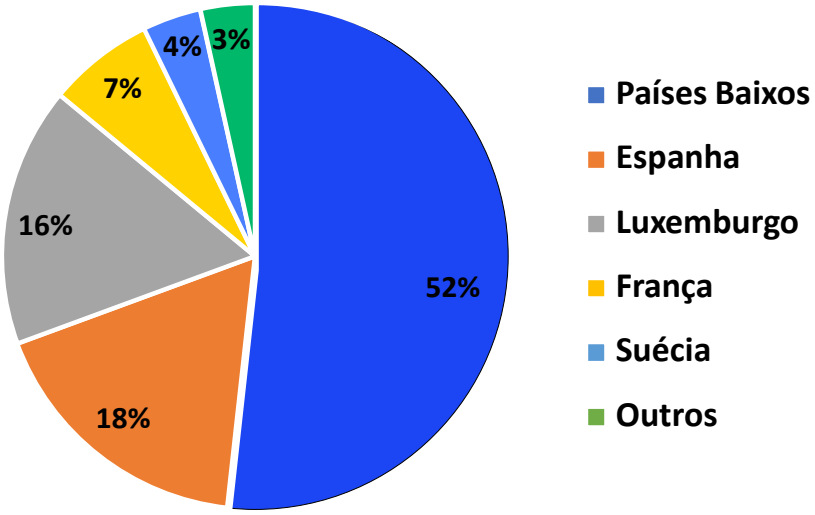


Fonte: Eurostat.

26 – Valores para a China excluem Hong Kong.

Os Países Baixos obtiveram mais da metade do lucro das empresas europeias no Brasil no ano de 2020, registrando EUR 7,5 bilhões em Renda Líquida de IED (52%), em seguida a Espanha auferiu EUR 2,6 bilhões (18%) e em terceiro lugar Luxemburgo com EUR 2,4 bilhões (16%).

Gráfico 7 – Renda Líquida do IED da UE no Brasil em 2020 por país de Origem

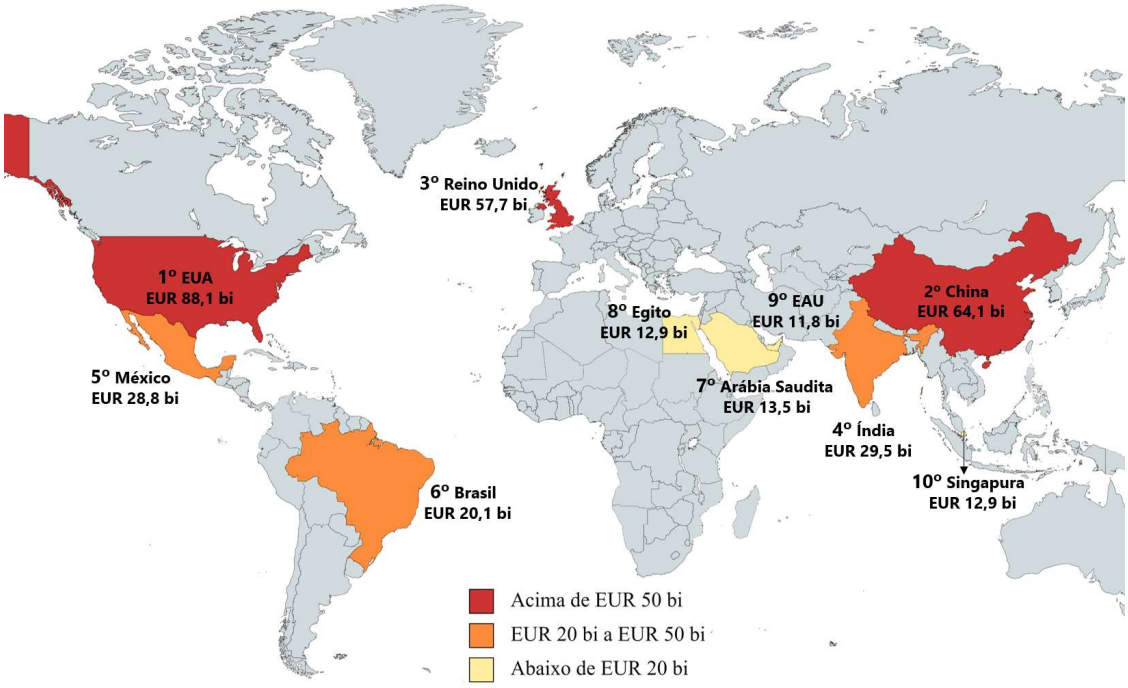


Fonte: Eurostat.

2.4 Anúncios de investimentos produtivos da UE no mundo

Entre 2016 e 2020, a base de dados Orbis BvD identificou 19.211 anúncios de investimentos em projetos produtivos, também conhecidos como projetos greenfield, por parte de empresas da União Europeia em países situados fora do bloco. O valor total desses anúncios foi de EUR 527,3 bilhões. Desse total, EUR 88,1 bilhões, ou 16,7% foram destinados aos Estados Unidos. Com EUR 20,1 bilhões em valores anunciados, 3,8% do total, o Brasil foi o sexto maior destinatário de investimentos da UE e o segundo destino latino-americano, atrás do México (EUR 28,8 bilhões).

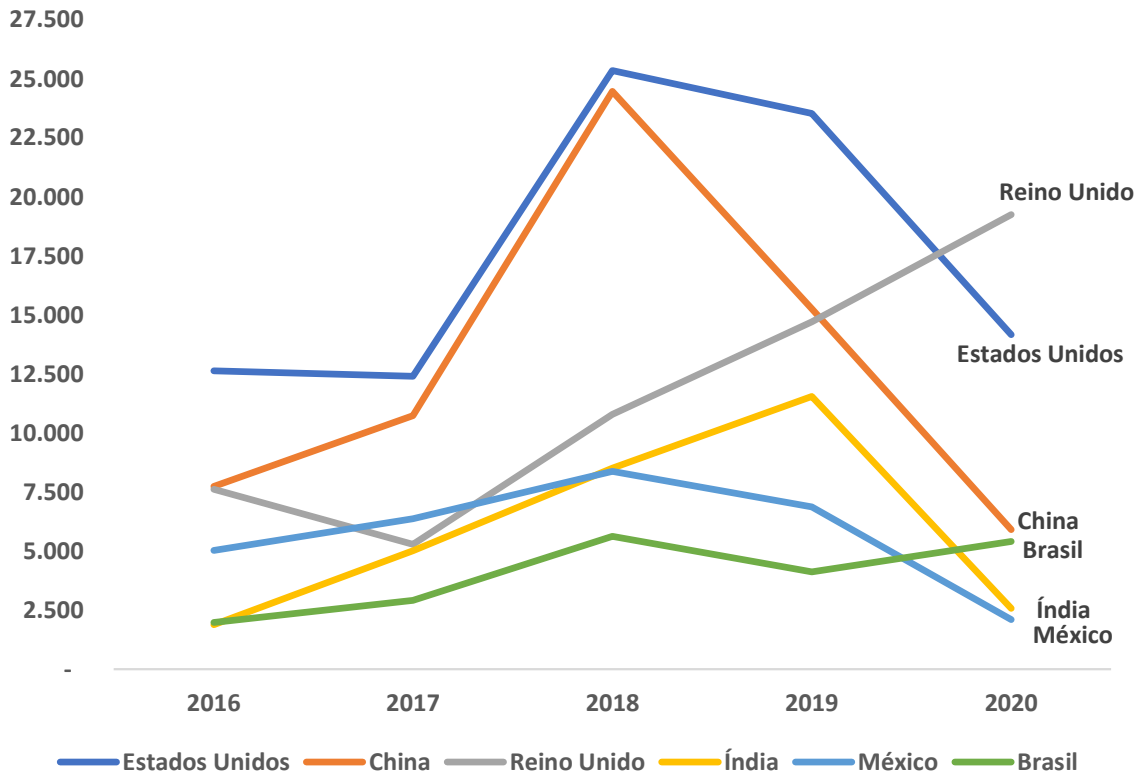
Mapa 4 - Principais destinos dos anúncios de investimentos greenfield da UE (2016-2020)



Fonte: Orbis BvD.

Chama-se a atenção para o fato de que, caso apenas o ano de 2020 seja considerado, o Brasil salta para a quarta posição entre os principais destinos dos anúncios de investimentos da União Europeia naquele ano, ultrapassando Índia e México. Isso é relevante pois 2020 foi o primeiro ano da pandemia, o que levou a uma contração de 42% dos fluxos internacionais de investimento estrangeiro direto, conforme a UNCTAD.[27] Apesar da contração, empresas da União Europeia mantiveram elevado interesse em investir no Brasil, com anúncios de investimentos que não só superaram os valores de 2019, mas que permitiram ao Brasil superar alguns de seus pares internacionais como destino de investimentos produtivos por parte de empresas da UE.

Gráfico 8 – Evolução dos anúncios de investimentos greenfield da UE nos principais destinos



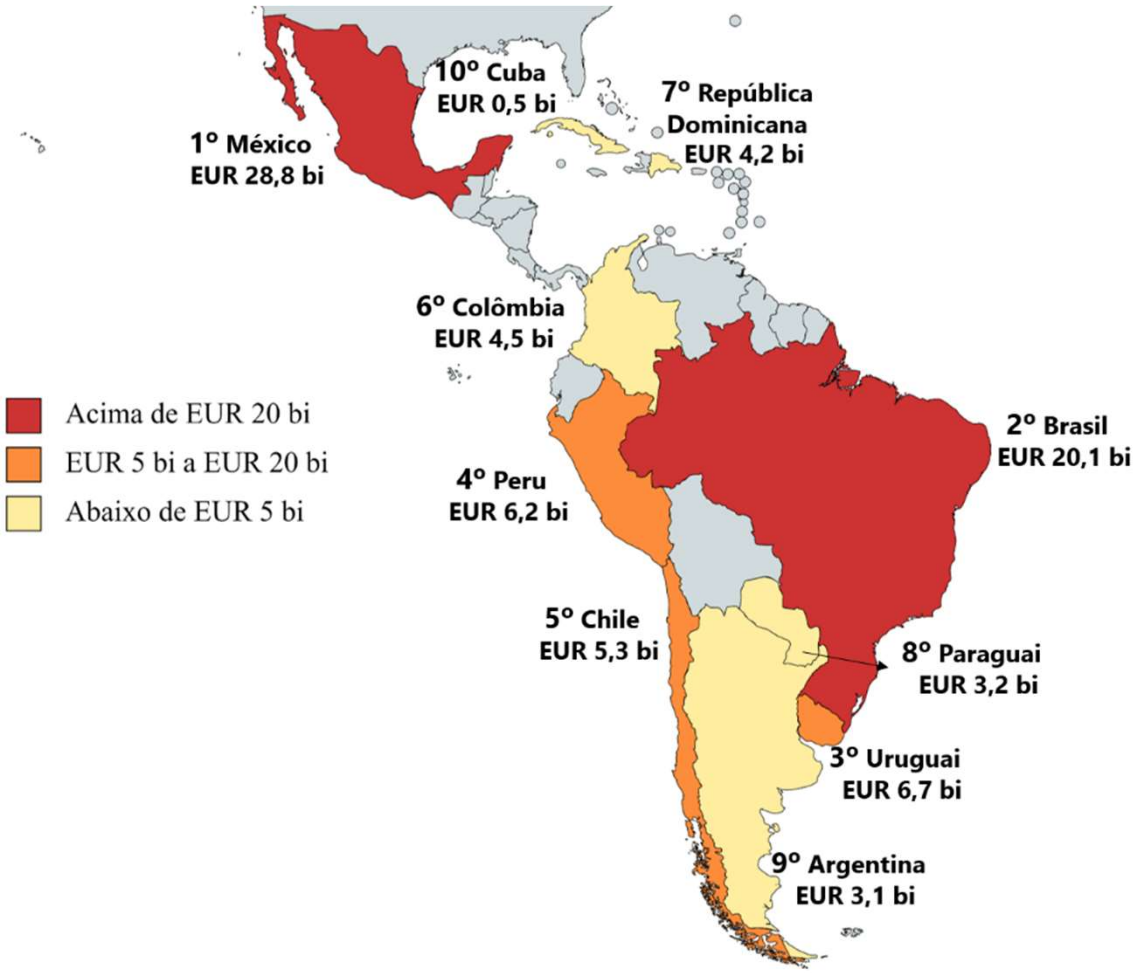
Fonte: Orbis BvD.

27 – Fonte: UNCTAD

2.5 Anúncios de investimentos produtivos da UE na América Latina e Caribe

Conforme apresentado no mapa 5, entre 2016 e 2020 o México destacou-se como o principal destino latino-americano dos anúncios de investimentos da União Europeia. Além de ser um grande mercado por si só, comparável ao brasileiro, o México goza de acesso privilegiado ao mercado estadunidense, o que faz do país uma plataforma de exportação para empresas europeias que querem vender para os Estados Unidos, o maior mercado consumidor do mundo.

Mapa 5 – 10 principais destinos dos anúncios de investimentos greenfield da UE na América Latina e caribe (2016-2020)



Fonte: Orbis BvD.

Com participação de 34% e 23,7%, respectivamente, México e Brasil estão muito à frente de seus pares regionais como destino dos investimentos da União Europeia na América Latina e Caribe. Em terceiro lugar aparece o Uruguai, com EUR 6,7 bilhões em investimentos anunciados e participação de 7,9%, 15,8 pontos percentuais atrás do Brasil.

Em termos de estimativa de empregos gerados, México e Brasil, respectivamente, aparecem na primeira e segunda colocações, como era de se esperar, visto que são os dois principais destinos dos investimentos anunciados. Chama a atenção, no entanto, Colômbia e Argentina como terceiro e quarto colocados entres os países com mais empregos gerados, uma vez que os mesmos países apareceram como sexto e nono, respectivamente, entre os principais destinos de investimentos anunciados. Também deve-se chamar a atenção para a relação entre emprego gerado por milhão de euros investidos. No Brasil, estima-se que para cada milhão de euros anunciados foram criados 2,8 postos de trabalho, abaixo da média regional de 3,1 vagas por milhão de euro anunciado, e bem abaixo dos 3,9 empregos gerados no México, maior competidor regional do Brasil. Uma possível explicação para a baixa proporção brasileira de emprego gerado por milhão de euros investidos é que as atividades para as quais são destinados os valores investidos no Brasil são mais intensivas em capital do que em mão de obra.

Tabela 5 - Anúncios de investimentos greenfield da UE e empregos gerados na América Latina e Caribe (2016-2020)

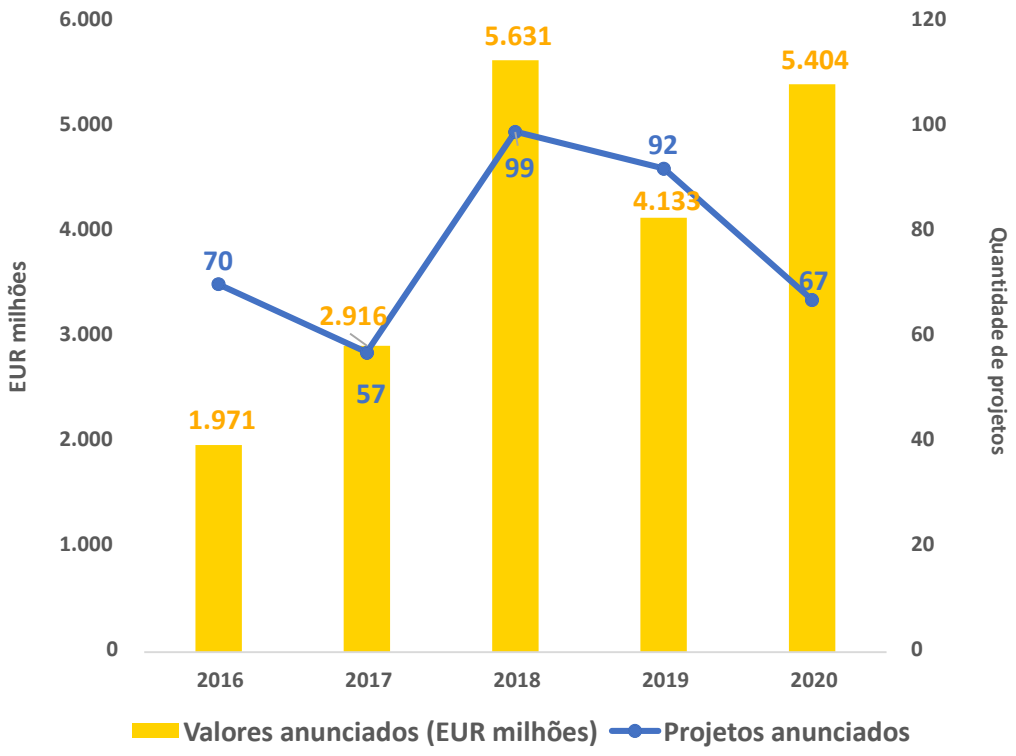
País	Valor (EUR milhões)	Participação	Empregos gerados (estimativa)	Empregos gerados por EUR milhão anunciado	Quantidade de projetos anunciados
México	28.780	34,0%	112.722	3,9	720
Brasil	**20.055**	**23,7%**	**55.622**	**2,8**	**385**
Uruguai	6.674	7,9%	2.530	0,4	14
Peru	6.224	7,4%	11.608	1,9	136
Chile	5.257	6,2%	11.104	2,1	130
Colômbia	4.524	5,3%	20.462	4,5	319
República Dominicana	4.188	5,0%	5.844	1,4	50
Paraguai	3.196	3,8%	6.473	2,0	32
Argentina	3.052	3,6%	15.558	5,1	118
Cuba	517	0,6%	2.854	5,5	29
Outros	2.099	2,5%	13.411	6,4	213
Total	**84.565**	**100,0%**	**258.188**	**3,1**	**2.146**

Fonte: Orbis BvD.

2.6 Anúncios de investimentos produtivos da UE no Brasil

O valor de EUR 20,1 bilhões em investimentos anunciados no Brasil corresponde aos 385 projetos anunciados entre 2016 e 2020. 2018 foi o ano que concentrou o maior número de projetos e de valores anunciados, 99 e EUR 5,6 bilhões, respectivamente. Em termos de projetos anunciados, 2020 foi o segundo ano com o menor número de anúncios no período analisado, com uma contração de 27,2% em relação a 2019. Essa contração deu-se em função da pandemia da Covid-19, que gerou queda da demanda agregada, gargalos logísticos e uma incerteza generalizada quanto à retomada do crescimento econômico global. Ainda assim, no ano de maior impacto da pandemia, 2020 apresentou o segundo maior valor acumulado de projetos anunciados entre 2016 e 2020, prova da atratividade do mercado brasileiro para as empresas da UE.

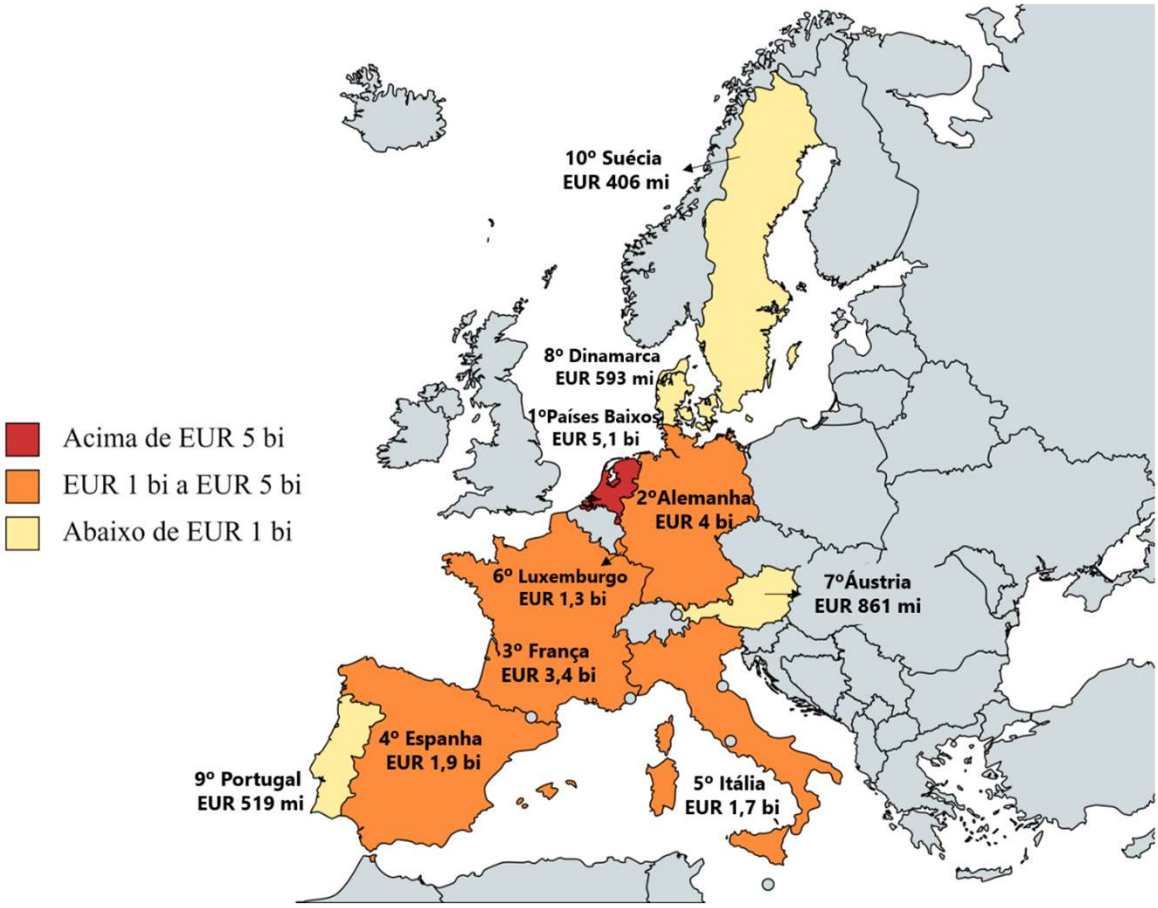
Gráfico 9 - Evolução do IED produtivo anunciado pela União Europeia no Brasil (2016-2020)



Fonte: Orbis BvD.

Com EUR 5,1 bilhões em valores anunciados no Brasil (25,3% do total), os Países Baixos destacaram-se, entre os membros da União Europeia, como a maior origem dos investimentos produtivos no Brasil, entre 2016 e 2020. Deve-se ressaltar, no entanto, que 48,1% dos valores anunciados por empresas holandesas tiveram a Stellantis como origem. A Stellantis é uma corporação do setor automobilístico sediada em Amsterdam, resultado da fusão entre a Fiat Chrysler Automobiles e o PSA Group (Peugeot). Em segundo lugar ficou a Alemanha, com 20% do total, seguida por França, Espanha e Itália, com 16,8%, 9,5% e 8,6%, respectivamente. Ao longo do período analisado, dos 27 países membros da UE, a Orbis BvD não identificou anúncios de investimentos no Brasil por parte de 12 países.

Mapa 6 – Top 10 origem do IED produtivo anunciado pela União Europeia no Brasil (2016-2020)

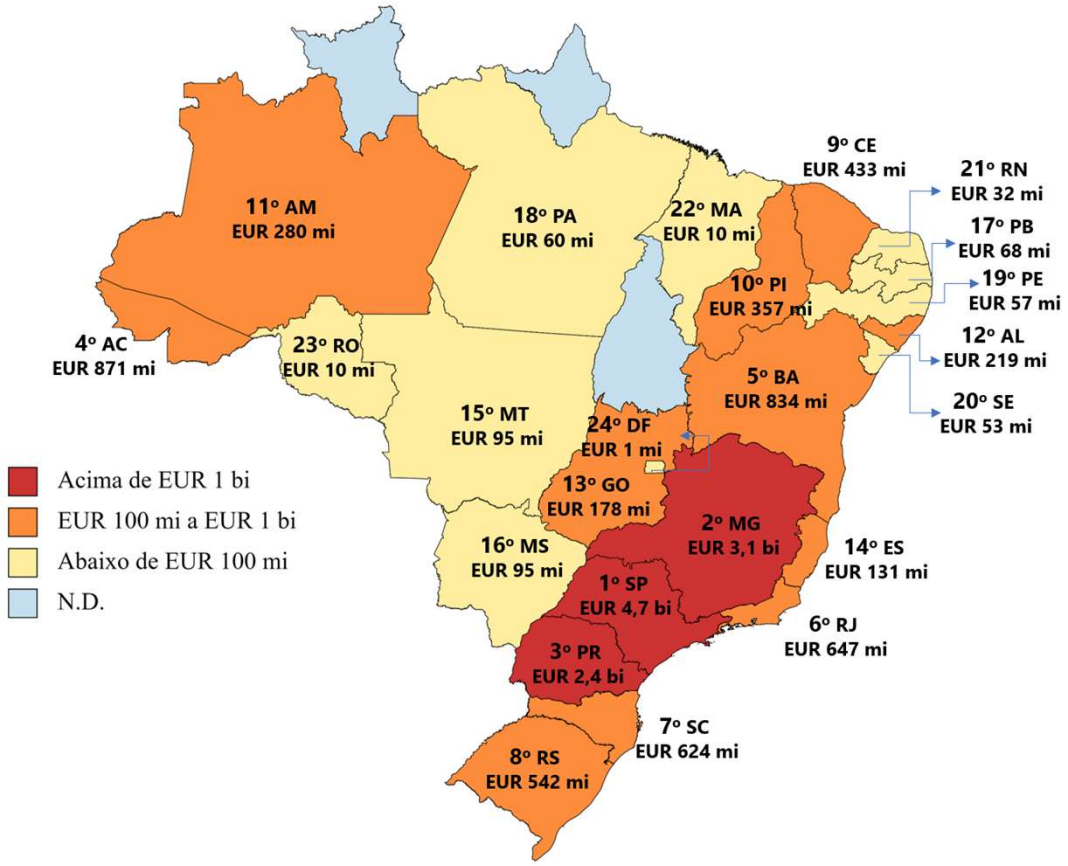


Fonte: Orbis BvD.

Nos mapas a seguir é possível visualizar os anúncios de investimentos e empregos da União Europeia no Brasil segundo o estado de destino entre 2016 e 2020. É importante destacar que existem valores anunciados sem especificação de estado, que somam EUR 4,3 bilhões (21,6% do total) – mais do que o valor destinado a qualquer estado em particular, exceto São Paulo. Com relação aos empregos, são 3.491 não especificados, ou seja, 6,1% do total – valor inferior apenas aos empregos anunciados com destino a São Paulo e Minas Gerais

Com EUR 4,7 bilhões em valores anunciados identificados pela Orbis BvD, São Paulo foi o principal destino dos investimentos da União Europeia, concentrando 23,3% do total. Com anúncios totalizando EUR 3,1 bilhões (15,5% do total), Minas Gerais aparece na segunda colocação, enquanto o Paraná, com EUR 2,4 bilhões (11,8%) vem em terceiro. Ao todo, a região Sudeste concentrou 42,6% dos valores anunciados por empresas da União Europeia, enquanto a região Sul, segunda colocada, concentrou 17,7% do total.

Mapa 7 – Destino do IED produtivo anunciado pela União Europeia no Brasil (2016-2020)*

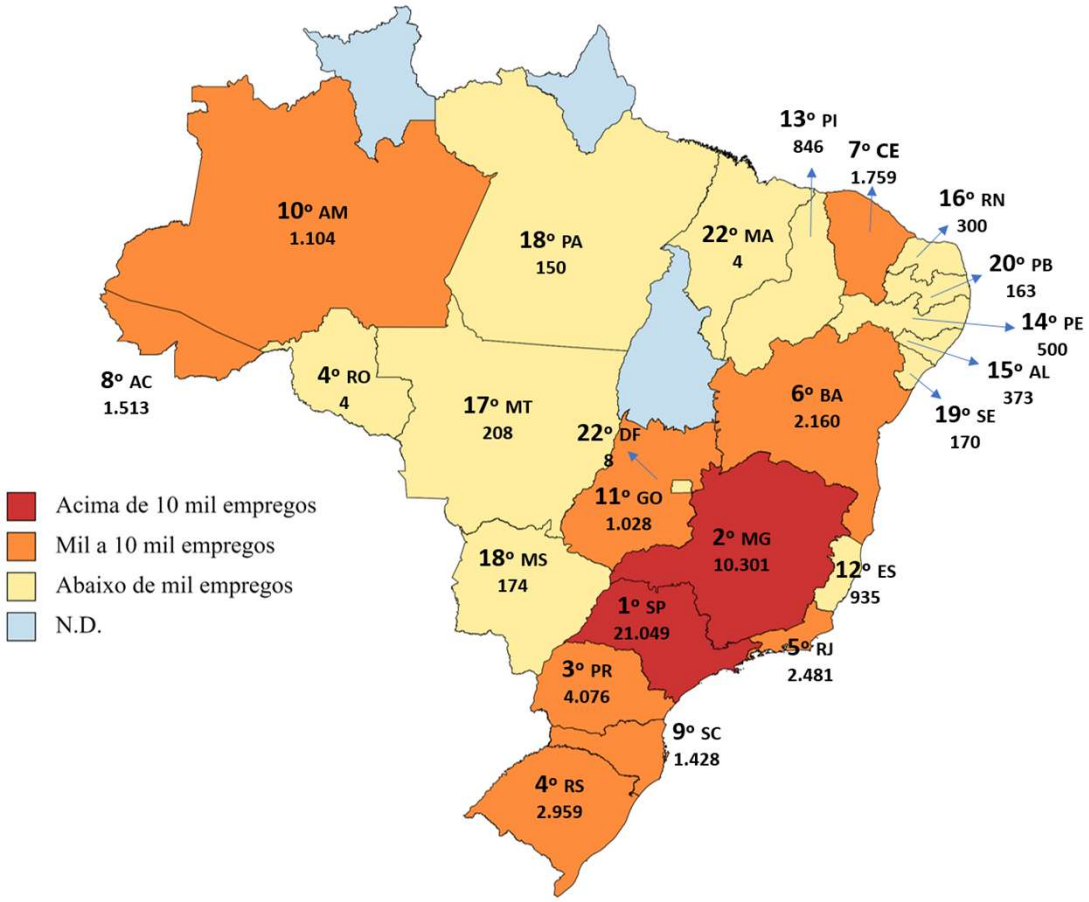


Fonte: Orbis BvD.

* Os investimentos anunciados em Pernambuco podem estar, possivelmente, subestimados. Pernambuco é a segunda maior economia do Nordeste, atrás da Bahia, e seria natural que o estado tivesse atraído mais anúncios de investimentos no período coberto pelo estudo, mas a Orbis BvD, base utilizada para a segmentação dos anúncios, não identifica o destino de todos os investimentos anunciados em território brasileiro, tampouco mensura lucros reinvestidos. Outra questão é que a Orbis identifica apenas anúncios de investimentos e não estoque de capital. Logo, a abertura de uma fábrica da Fiat em Pernambuco em 2015, avaliada em US$ 2,4 bilhões, não foi incluída na distribuição geográfica acima, pois está fora do período de cobertura do estudo.

Em sintonia com os valores anunciados, os mesmos três estados, São Paulo, Minas Gerais e Paraná, lideram na estimativa de empregos gerados. Estima-se que em São Paulo foram gerados 21 mil empregos (36,8% do total), 10 mil em Minas Gerais (18%) e 4 mil no Paraná (7,1%). Enquanto a região Sudeste concentrou 60,8% dos empregos gerados estimados, a região sul concentrou 14,8% do total.

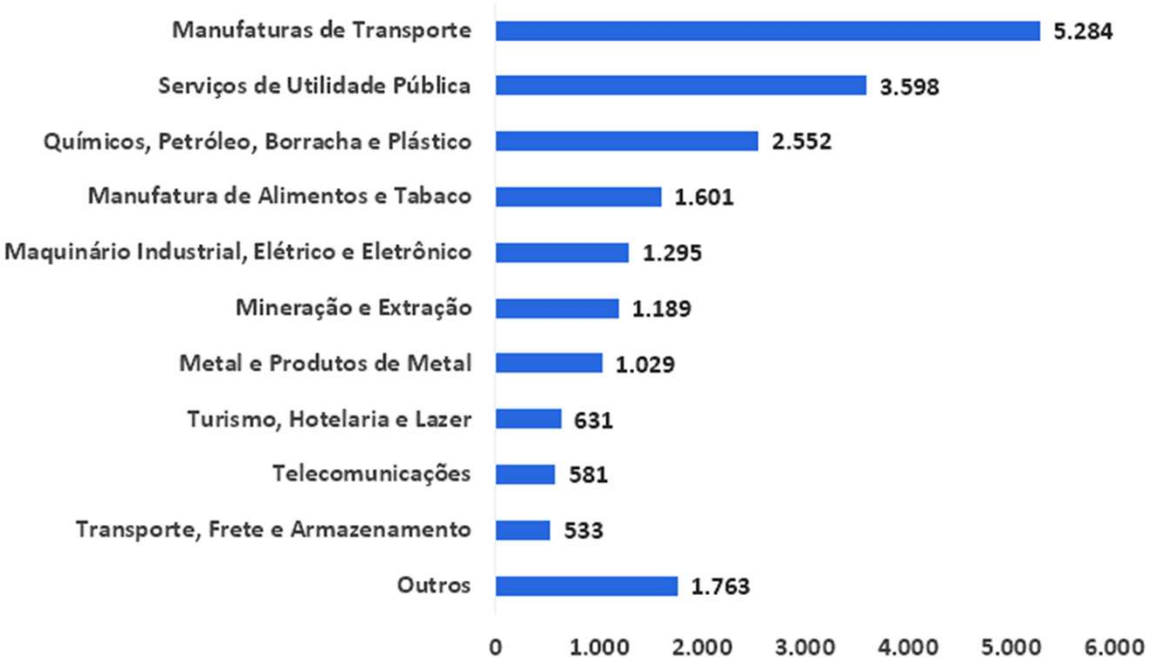
Mapa 8 – Empregos gerados nos estados brasileiros entre 2016 e 2020 (estimativa)



Fonte: Orbis BvD.

Em relação aos setores das empresas que originaram os anúncios de investimentos produtivos, entre 2016 e 2020, o setor de "Manufaturas de Transporte" concentrou 26,3% dos valores anunciados totais, ou EUR 5,3 bilhões e 50,1% dos valores anunciados na atividade de "Manufaturas" (EUR 10,5 bilhões, conforme destacado mais à frente). Essa forte relação entre as indústrias automotivas do Brasil e as dos países membros da União Europeia remonta à década de 1950, quando a Volkswagen inaugurou sua primeira fábrica no Brasil, em São Bernardo do Campo. Com EUR 3,6 bilhões em anúncios, "Serviços de Utilidade Pública" aparecem na segunda colocação, seguidos por "Químicos, Petróleo, Borracha e Plástico", com EUR 2,6 bilhões em valores anunciados. Somados, os três principais setores concentraram 57% dos anúncios de investimentos produtivos.

Gráfico 10 – Setores de origem dos anúncios de IED produtivo no Brasil entre 2016 e 2020 (EUR milhões)



Fonte: Orbis BvD.

Apesar de ser o 3º setor que mais anunciou investimentos no Brasil, "Químicos, Petróleo, Borracha e Plástico" ocupa a 1ª colocação entre os setores que mais geraram empregos, com uma estimativa de quase 12 mil novos postos de trabalho criados. Já "Serviços de Utilidade Pública", que aparece como o 2º setor que mais anunciou investimentos no Brasil, cai para a 9ª posição em termos de empregos gerados estimados, e "Transporte, Frete e Armazenamento", o 10º setor que mais anunciou investimentos, não consta entre os 10 setores que mais geraram novas vagas. Ao mesmo tempo, "Serviços Profissionais", que sequer aparece entre os 10 setores que mais anunciaram investimentos, ocupa a 8ª posição entre os setores que mais geraram empregos estimados. O setor também se destaca como aquele que mais gerou empregos por milhão de euros anunciados em investimentos (9 empregos por milhão de euros anunciados).

Tabela 6 - Empregos gerados por setor do investidor entre 2016 e 2020

Setor	Empregos gerados (estimativa)	Empregos gerados por EUR milhão anunciado
Químicos, Petróleo, Borracha e Plástico	11.878	4,7
Manufaturas de Transporte	7.959	1,5
Maquinário Industrial, Elétrico e Eletrônico	6.304	4,9
Metal e Produtos de Metal	4.642	4,5
Manufatura de Alimentos e Tabaco	4.592	2,9
Mineração e Extração	3.475	2,9
Turismo, Hotelaria e Lazer	3.182	5,0
Serviços Profissionais	3.123	9,0
Serviços de Utilidade Pública	2.468	0,7
Telecomunicações	2.011	3,5
Outros	5.988	3,1
Total	**55.622**	**2,8**

Fonte: Orbis BvD.

Anúncios de investimentos voltados para a atividade de "Manufaturas", ou seja, o estabelecimento ou expansão de alguma instalação industrial no Brasil, totalizaram EUR 10,5 bilhões, entre 2016 e 2020. Esse valor representou 52,6% do total, o que demonstra a atratividade do Brasil como plataforma de produção tanto para o mercado interno quanto para os mercados de exportação do país. Em segundo lugar vem a atividade de geração de eletricidade, que concentrou 19% dos valores anunciados, 33,6 pontos percentuais atrás da participação de "Manufaturas".

Além de ser a atividade que concentrou o maior valor dos anúncios, “Manufaturas” foi responsável pela maior quantidade de empregos gerados estimados e representou o segundo maior número de projetos anunciados (78), atrás apenas de “Varejo”, com 93 projetos, mas apenas EUR 144,8 milhões em valores anunciados. “Manufaturas” também liderou o ranking de quantidade de empresas responsáveis por anúncios de investimento, com 59 empresas anunciando projetos, bem à frente de “Varejo”, segundo colocado com 36 empresas.

Tabela 7 - Atividades de destino dos anúncios de IED produtivo no Brasil entre 2016 e 2020

Atividade	Valor (EUR milhões)	Participação	Quantidade de projetos	Quantidade de empresas
Manufaturas	10.549	52,6%	78	59
Eletricidade	3.813	19,0%	13	7
Mineração	1.134	5,7%	3	1
Logística, Distribuição e Transporte	1.096	5,5%	26	22
Centro de P&D	1.095	5,5%	23	16
Hotelaria	625	3,1%	32	8
Sede Regional	388	1,9%	9	9
Agropecuária	220	1,1%	4	1
Manutenção e Reparo	198	1,0%	4	3
Serviços Profissionais	156	0,8%	20	19
Outros	781	3,9%	173	112
Total	**20.055**	**100,0%**	**385**	**257**

Fonte: Orbis BvD.

Além de ser destinatária do maior volume de valores anunciados, a atividade de “Manufaturas” é a que gerou a maior estimativa de empregos diretos criados, avaliada em 30.274 empregos, mais da metade da estimativa total, de 55.622. Com uma estimativa de 3.808 empregos diretos, “Logística, Distribuição e Transporte” foi a atividade que gerou o segundo maior número de empregos, entre 2016 e 2020. Já a atividade de “Suporte Técnico”, que sequer aparece entre aquelas com maiores valores investidos (EUR 112 milhões), foi a que gerou a terceira maior quantidade de empregos (3.300).

Tabela 8 – Empregos gerados por atividade de destino entre 2016 e 2020

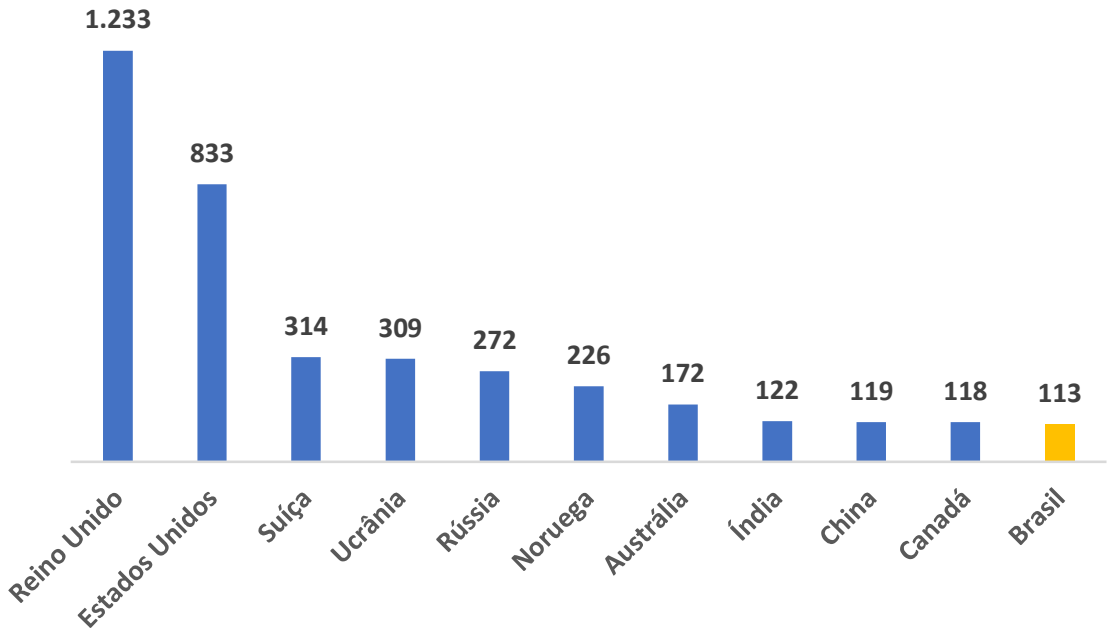
Atividade	Empregos gerados (estimativa)
Manufaturas	30.274
Logística, Distribuição e Transporte	3.808
Suporte Técnico	3.300
Hotelaria	3.207
Mineração	3.000
Eletricidade	2.992
Centro de P&D	2.089
Sede Regional	1.789
Varejo	1.478
Escritório de Vendas	731
Outros	2.954
Total	**55.622**

Fonte: Orbis BvD.

2.7 Anúncios de transações fusões e aquisições da UE no mundo

Conforme a Orbis BvD, empresas da União Europeia anunciaram 4.856 transações de fusões e aquisições (M&A) entre 2016 e 2020. Empresas britânicas foram o alvo de 1.233 fusões e aquisições, seguidas por empresas sediadas nos Estados Unidos. O Brasil foi o 11º destino geral dos anúncios de investimentos da EU e o principal da América Latina, com a Orbis identificando 113 investimentos europeus no país contra 44 no México e 35 no Chile.[28]

Gráfico 11 – Principais destinos de M&A das empresas da União Europeia no mundo entre 2016-2020 (quantidade de anúncios)



Fonte: Orbis BvD.

28 – Não é possível fazer um comparativo com base nos valores das fusões e aquisições uma vez que a maioria dos valores das transações não são anunciados. Por exemplo, dos 113 anúncios de fusões e aquisições de empresas brasileiras, apenas 19 tiveram seus valores anunciados. Ao mesmo tempo, dos 1.233 anúncios de fusões e aquisições de empresas britânicas, apenas 364 tiveram seus valores divulgados.

Globalmente, com 1.008 transações de M&A, empresas do setor de "Serviços Profissionais" anunciaram o maior número de negócios, seguidas por empresas dos setores de "Serviços Bancários, Seguradores e Financeiros" e de "Software", com 791 e 523 anúncios, respectivamente.[29] Entre os maiores valores identificados, as fusões e aquisições do setor de "Químicos, Petróleo, Borracha e Plástico" concentraram as maiores quantias (EUR 174,4 bilhões), seguido por "Serviços Bancários, Seguradores e Financeiros" (EUR 170,2 bilhões).

Tabela 9 – Quantidade de anúncios de M&A no mundo por Setor

Setor	Quantidade de anúncios	Valor (EUR milhões)
Serviços Profissionais	1.008	76.440
Serviços Bancários, Seguradores e Financeiros	791	170.230
Software	523	24.143
Maquinário Industrial, Elétrico e Eletrônico	487	68.363
Químicos, Petróleo, Borracha e Plástico	387	174.411
Atacado	188	7.323
Manufatura de Alimentos e Tabaco	181	145.634
Metal e Produtos de Metal	121	2.627
Transporte, Frete e Armazenamento	116	26.738
Manufaturas de Transporte	111	12.972
Outros	943	181.504
Total	**4.856**	**890.387**

Fonte: Orbis BvD.

2.8 Anúncios de transações fusões e aquisições da UE na América Latina e Caribe

Durante o período analisado, empresas brasileiras foram alvo de mais de um terço dos investimentos M&A na América Latina anunciados por parte de empresas sediadas na União Europeia. Sozinho, o Brasil foi um destino maior que os três próximos destinos somados.[30]

29 – Mais uma vez, não é possível fazer um comparativo com base nos valores anunciados.
30 – Dos 113 anúncios de transações de fusões e aquisições no Brasil, a Orbis identificou valores para apenas 19 desses anúncios.

Tabela 10 – Principais destinos de M&A das empresas da União Europeia na América Latina e Caribe (quantidade de anúncios)

País / Território	Quantidade de anúncios
Brasil	**113**
México	44
Chile	35
Colômbia	29
Argentina	17
Peru	12
Equador	6
Ilhas Virgens Britânicas	6
Costa Rica	6
Ilhas Cayman	3
Outros	25
Total	**296**

Fonte: Orbis BvD.

Assim como nas transações de M&A da União Europeia no mundo, o setor de "Serviços Profissionais" destaca-se como o principal alvo das empresas europeias na América Latina, quando medido por quantidade de anúncios de investimentos. O setor de "Químicos, Petróleo, Borracha e Plástico", que consta como a quinta principal origem dos anúncios de M&A da União Europeia no mundo, salta para a segunda colocação como origem de M&A entre os principais setores que investem na América Latina e Caribe. Já entre os valores que puderam ser identificados, o setor de "Manufaturas de Alimentos e Tabaco" lidera como a principal origem dos investimentos, assim ressaltando a atratividade do potencial agropecuário da América Latina para investidores internacionais.

Tabela 11 – Quantidade de anúncios de M&A na América Latina e Caribe por Setor

Setor	Quantidade de anúncios	Valor (EUR milhões)
Serviços Profissionais	54	4.049
Químicos, Petróleo, Borracha e Plástico	30	3.622
Serviços Bancários, Seguradores e Financeiros	26	2.055
Maquinário Industrial, Elétrico e Eletrônico	23	311
Software	21	96
Manufatura de Alimentos e Tabaco	19	4.372
Transporte, Frete e Armazenamento	17	3.806
Madeira, Móveis e Papel & Celulose	12	891
Serviços de Utilidade Pública	11	531
Administração Pública, Educação e Serviços Sociais de Saúde	11	N.D.
Outros	72	4.543
Total	**296**	**24.275**

Fonte: Orbis BvD.

2.9 Anúncios de transações fusões e aquisições da UE no Brasil

Os anúncios de fusões e aquisições da União Europeia no Brasil seguem a mesma lógica que os investimentos europeus na América Latina como um todo: “Serviços Profissionais” e “Químicos, Petróleo, Borracha e Plástico” despontam como os principais setores de interesse das empresas da União Europeia, medido por quantidade de anúncios, e o setor de “Manufaturas de Alimentos e Tabaco” como o principal investidor, medido por valores identificados.

Tabela 12 – Quantidade de anúncios de M&A no Brasil por Setor

Setor	Quantidade de anúncios	Valor (EUR milhões)
Serviços Profissionais	19	49
Químicos, Petróleo, Borracha e Plástico	15	33
Maquinário Industrial, Elétrico e Eletrônico	11	114
Software	8	92
Administração Pública, Educação e Serviços Sociais de Saúde	7	n.d.
Serviços Bancários, Seguradores e Financeiros	6	n.d.
Madeira, Móveis e Papel & Celulose	5	399
Transporte, Frete e Armazenamento	5	437
Manufatura de Alimentos e Tabaco	5	470
Manufaturas de Transporte	4	n.d.
Outros	28	641
Total	**113**	**2.236**

Fonte: Orbis BvD.

2.10 Investimentos em infraestrutura no Brasil

A Fitch identifica 133 obras de infraestrutura no Brasil com participação de empresas europeias atuando como patrocinadoras ou operadoras dos projetos.[31] Percebe-se uma grande concentração no setor de "Energia & Serviços de Utilidade Pública", que agrupa 108 dos 133 projetos, enquanto 18 projetos pertencem ao setor de "Transportes" e os 7 restantes ao setor de "Construção". Destaca-se o enorme interesse do capital europeu pelo potencial brasileiro na geração de energia verde: dos 133 projetos totais, 50 são parques eólicos e 24 são usinas solares.

31 – Foram consideradas apenas as obras concluídas e atualmente em construção. Período de análise: 2000 a 2020.

Tabela 13 - Quantidade de projetos por setor

Setor/Subsetor	Quantidade de projetos
Energia & Serviços de Utilidade Pública	108
Usina Eólica	50
Usina Solar	24
Infraestrutura de rede	20
Outros	14
Transportes	18
Expansão Portuária	6
Expansão Aeroportuária	4
Veículo Leve sobre Trilhos	3
Outros	5
Construção	7
Refinaria de etanol	2
Outros	5
Total	**133**

Fonte: Fitch.

A região Nordeste concentra a maior parte dos projetos, agrupando um total de 73 empreendimentos. Com 36 projetos, o Sudeste vem em segundo, seguido pelo Sul (7), enquanto Norte e Centro-Oeste aparecem com 4 cada. Em nível estadual, Rio Grande do Norte e Bahia lideram, com 26 e 23 projetos, respectivamente, seguidos por Minas Gerais (16) e Rio de Janeiro (11).[32] O predomínio do Nordeste em geral, e do Rio Grande do Norte e da Bahia em particular, ocorre em função do interesse do capital europeu por projetos de energia renovável e pelas condições climáticas presentes no Nordeste favoráveis a esse tipo de empreendimento. Dos 50 empreendimentos de energia eólica, 48 estão no Nordeste. Ao mesmo tempo, a região concentra 15 dos 24 projetos de energia solar.

32 – Os 7 projetos restantes não foram identificados geograficamente pela Fitch.

Mapa 9 - Projetos de energia eólica e solar

Fonte: Fitch.

2.11 Principais empresas com capital da UE operando no Brasil

Conforme pesquisa do Valor Econômico, das 1.000 empresas atuantes no Brasil com maior receita líquida no ano fiscal de 2020, 128 contaram com capital de países da União Europeia. Ao todo, essas empresas totalizaram R$ 1 trilhão em receita líquida em 2020. A título de comparação, do mesmo pool de 1.000 empresas, 53 empresas contaram com capital estadunidense, totalizando R$ 282 bilhões em receita líquida. Com R$ 114,6 bilhões em receita líquida, a Raízen, joint-venture entre a Cosan e a Shell, ocupa a primeira posição entre as empresas com capital da UE e a quarta colocação geral.

Tabela 14 - Principais empresas com capital da UE operando no Brasil

(medido por receita líquida em 2020)

Classificação Geral	Empresa	Setor de atividade	Sede	Receita líquida (R$ milhões)	Origem do capital
4	Raízen	Petróleo e Gás	SP	114.602	Brasil/Países Baixos
7	Grupo Carrefour Brasil	Comércio Varejista	SP	71.191	França
12	Ambev	Alimentos e Bebidas	SP	58.379	Bélgica
13	GPA	Comércio Varejista	SP	51.253	França
14	Bunge Alimentos	Alimentos e Bebidas	SC	50.519	Países Baixos
16	Telefônica Brasil	TI & Telecom	SP	43.127	Espanha
20	Enel Brasil	Energia Elétrica	RJ	36.291	Itália
22	Assaí	Comércio Varejista	RJ	36.043	Brasil/França
24	ArcelorMittal Brasil	Metalurgia e Mineração	MG	33.071	Espanha
25	Neoenergia	Energia Elétrica	RJ	31.989	Espanha/Brasil
-	Outros	-	-	482.498	-
-	Total	-	-	1.008.962	-

Fonte: Valor 1000.

Empresas francesas lideraram em termos de receita líquida total (R$ 272,6 bilhões), embora a Espanha seja o país com o maior número de empresas no ranqueamento (27). Com o quarto maior número de empresas representadas, as empresas dos Países Baixos totalizaram a segunda maior receita líquida (R$ 237,9 bilhões). Somadas, empresas dos quatro principais países concentraram 76,3% das receitas líquidas.

Tabela 15 - Origem das principais empresas com capital da UE operando no Brasil

País	Receita líquida (R$ milhões)	Participação	Quantidade de Empresas
França	272.638	27,0%	26
Países Baixos (Holanda)	237.918	23,6%	18
Espanha	153.698	15,2%	27
Itália	105.102	10,4%	11
Alemanha	84.901	8,4%	20
Bélgica	61.118	6,1%	4
Luxemburgo	39.817	3,9%	7
Portugal	22.611	2,2%	4
Suécia	17.948	1,8%	4
Áustria	8.582	0,9%	4
Finlândia	3.763	0,4%	2
Dinamarca	866	0,1%	1
Total	1.008.962	100,0%	128

Fonte: Valor 1000.

Em termos setoriais, “Comércio Varejista” concentrou 17,6% das receitas líquidas, seguido por “Petróleo e Gás” (16,6%), “Alimentos e Bebidas” (14,1%) e “Energia Elétrica” (10,3%). Em relação à quantidade de empresas por setor, “Veículos e Peças” e “Metalurgia e Mineração” lideram com 12 cada, “Serviços Especializados” aparece com 11, enquanto os setores de “Comércio Varejista” e “Transportes e Logística” são representados com 10 empresas cada.[33]

Tabela 16 – Receita líquida por setor de atividade das principais empresas com capital da UE operando no Brasil

Setor de atividade	Receita líquida (R$ milhões)	Participação	Quantidade de Empresas
Comércio Varejista	177.643	17,6%	10
Petróleo e Gás	167.892	16,6%	9
Alimentos e Bebidas	142.214	14,1%	5
Energia Elétrica	103.448	10,3%	8
Veículos e Peças	100.795	10,0%	12
TI & Telecom	65.953	6,5%	5
Metalurgia e Mineração	65.000	6,4%	12
Química e Petroquímica	37.921	3,8%	8
Transportes e Logística	33.690	3,3%	10
Açúcar e Álcool	23.698	2,3%	3
Outros	90.708	9,0%	46
Total	**1.008.962**	**100,0%**	**128**

Fonte: Valor 1000.

33 – Embora seja o segundo setor mais representado em quantidade de empresas, o setor de “Serviços Especializados” é o 13º setor em termos de receita líquida.

2.12 Estudos de casos de empresas da UE no Brasil[34]

Nome da empresa: Telefónica S.A.

Setor: Telecomunicações / Tecnologias da Informação e Comunicação

Ano de fundação: 1924

Breve histórico: O Grupo Telefónica é o resultado de uma história de 98 anos de antecipação e transformação. Telefónica opera em 12 países, e tem presença em 33 países através de colaborações estratégicas. Em 1989 começou seu processo de internacionalização em Chile e Argentina e em 1997 comprou a empresa de telecomunicações CRT no Rio Grande do Sul. Em 1998 participou no processo de privatização do Sistema Telebrás, quando adquiriu as empresas TELESP (telefonia fixa em SP), Tele Sudeste Celular (telefonia celular em RJ e ES) e Tele Leste Celular (telefonia celular em Bahia e Sergipe).

Em 2002 realizou uma joint-venture 50/50 com a Portugal Telecom (PT) que reuniu a totalidade das participações das duas empresas em operações móveis no Brasil. Com o acordo, a Telesp Celular (SP) e a Global Telecom (Santa Catarina e Paraná), controladas pela PT se uniram às operadoras da Telefónica, numa grande operação que, naquele momento agregou cerca de 13 milhões de clientes e criou a marca VIVO.

Em 2010, a Telefónica realizou uma operação de convergência de tecnologias e empresas. Adquiriu as ações da Vivo que pertenciam à Portugal Telecom e transferiu o controle da empresa para a Telefônica-Vivo, sua subsidiária fixa no Brasil. Assim se conformou a maior empresa de telecomunicações de Brasil.

34 – Textos mantidos na íntegra, conforme versões enviadas pelas empresas que colaboraram com os cases do estudo. Os cases apresentados nesse estudo se originaram da gentil disponibilidade das empresas que responderam ao pedido de informação por parte do escritório da ApexBrasil em Bruxelas. A seleção não reflete, necessariamente, o nível de importância dessas empresas para a ApexBrasil de forma particular e para a economia brasileira de forma geral.

Desde então, o Grupo Telefónica no Brasil foi incorporando novos ativos e tecnologias através de diversas operações entre elas GVT/banda larga; Fibrasil/Fibra ótica; e mais recentemente parte dos ativos da Oi.

Atualmente, a Vivo está construindo um processo de transformação digital que a caracteriza ser mais do que uma empresa de telecomunicações, setor que lidera no Brasil, com 99 milhões de clientes (acessos) e com o propósito de "Digitalizar para Aproximar".

Ano da internacionalização: 1997/1998.

Fatores para a escolha de internacionalizar no Brasil (*decision tracking*): Processo de internacionalização da Empresa a América Latina começou em 1995. Em 1997 avaliou o grande potencial do mercado brasileiro de telecomunicações e comprou/investiu na empresa CRT. Em 1998 participou no processo de Privatização do Sistema Telebrás que realizou a abertura do mercado de telecomunicações do país.

Dados financeiros: Número de clientes: 369 milhões de clientes no mundo; 99 milhões de clientes no Brasil.

- Conectividade: 159 milhões de unidades imobiliárias passadas com Fibra Óptica e 277 milhões de acessos de telefonia celular; +25 milhões de acessos de dados e internet; 11,1 milhões de acesso de TV paga; 87% cobertura LTE (4,5G).
- Receita 2021: 39 bilhões de euros (39,277 milhões de euros);
- OIBDA 2021: 13 bilhões de euros – margem de 33,5%;
- Lucro 2021: 8 bilhões de euros;
- Número de empregados: 103.934 profissionais; 1,2 milhão de trabalho gerados direta e indiretamente; 30% empregados menores de 35 anos;
- Pagamento de impostos: 9 bilhões de euros (23,3 euros/100 euros negócio);
- Investimento no Brasil: 70 bilhões de euros (acumulado) – 8 bilhões de reais em 2021;
- 70% redução de emissão de CO_2, desde 2015;
- 100% eletricidade renovável nos quatro principais mercados (Espanha, Brasil, Reino Unido e Alemanha).

Nome da empresa: MAPFRE

Setor: Seguros

Ano de fundação: 1933

Breve histórico: A MAPFRE nasceu sob o nome de Associação Mutualista dos Proprietários de Fazendas da Espanha com a vontade de segurar trabalhadores agrícolas. Posteriormente, a partir dos anos 50, a sua atividade se estendeu a outras áreas de seguros, como Vida, Acidentes ou Transporte. Nos anos 70 a MAPFRE estendeu as suas operações a América Latina, sendo, atualmente, a maior multinacional de seguros da região e em 1975, a MAPFRE promoveu a Fundación MAPFRE, uma organização sem fins lucrativos para contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e do progresso social. Ao longo das décadas de 1990 e 2000, a organização aumentou a sua presença na América Latina, entrou no mercado asiático e passou a fazer parte do IBEX35. No início de 2022 a MAPFRE apresentou os novos Planos Estratégico e de Sustentabilidade para o triênio 2022-2024, adaptando a visão de negócio à realidade da empresa e focando nos desafios globais com os quais a atividade da organização pode contribuir de maneira equilibrada nas três dimensões da sustentabilidade: ambiental, social e de governança.

Ano da internacionalização: 1992

Fatores para a escolha de internacionalizar no Brasil *(decision tracking*):

- País com a maior população e com o maior território da América Latina
- Potencial econômico
- Oportunidade para o negócio de seguros dada a baixa penetração do seguro na região

Dados financeiros:

- Receitas (2021): 27.257 milhões de euros
- Lucro (2021): 765 milhões de euros
- Índice de Solvência (2021): 193,8%
- Fornecedores (2021): +150.000
- Dividendo (2021): 416 milhões de euros

Nome da empresa: Shell Brasil Petróleo Ltda.

Setor: Energia

Ano de fundação: 1907

Breve histórico: A Shell está presente no Brasil desde 1913. Nosso principal objetivo é atender às necessidades energéticas da sociedade, hoje e no futuro, agindo, de forma responsável, nas esferas econômica, ambiental e social.

Temos cerca de 600 funcionários no Brasil. Nossa sede está localizada no centro do Rio de Janeiro, e temos escritórios em São Paulo e em Brasília.

Uma das maiores empresas do mundo na área de exploração e produção, a Shell tem, no segmento upstream, um de seus principais desafios tecnológicos.

A Shell Brasil foi a primeira empresa privada a produzir petróleo no país em escala comercial na Bacia de Campos, após a abertura do mercado. No segmento de petróleo em águas profundas, temos mais de 40 contratos com o governo brasileiro. A Shell Brasil está presente nas bacias de Campos, Santos, Barreirinhas e Potiguar, com participações em 21 blocos exploratórios no país.

A Shell Brasil também tem negócios na comercialização de energia e na geração de energia solar.

Ano da internacionalização: 1913

Fatores para a escolha de internacionalizar no Brasil (*decision tracking*): O Brasil é um mercado altamente competitivo e tornou-se área pivô da Shell em óleo e gás (O&G), em função de sua geologia e sua estrutura regulatória. No setor energético, o Brasil oferece diversas oportunidades atrativas nas energias solar e eólica, em soluções baseadas na natureza (SBN) e na comercialização de energia.

No Brasil, em conjunto com nossas posições-legado em O&G, que vão da exploração ao descomissionamento, estamos trabalhando para iniciar operações na usina termelétrica de Marlim Azul em 2023. Será a primeira usina a utilizar gás natural do pré-sal brasileiro na geração de energia. Em renováveis, em 2021, a Shell anunciou parcerias, na geração de energia solar, para projetos no norte do estado de Minas Gerais. No início de 2022, a empresa solicitou ao IBAMA a licença ambiental necessária para o estudo de viabilidade da construção de usinas eólicas offshore, em seis estados, no litoral brasileiro. Soluções baseadas na natureza (SBN) são uma área de interesse da empresa no Brasil. No segmento downstream, a JV Raízen e seu etanol de segunda geração têm o potencial de fazer uma enorme diferença no mundo dos biocombustíveis. Por fim, a comercialização de energia, por meio da Shell Energy Brasil, é outra área na qual a empresa tem investido pesadamente, para tornar-se uma das maiores comercializadoras do Brasil nos próximos anos.

Nome da empresa: Fluxys

Setor: Energia: gás natural, gás natural liquefeito (GNL), hidrogênio e CO2

Ano de fundação: 1929, sob o nome Distrigas, e, desde 2001, sob o nome Fluxys

Breve histórico: Sediada na Bélgica, a Fluxys é um grupo internacional de infraestrutura, presente na Europa e na América Latina, com 1.300 funcionários ativos na transmissão de gás midstream (> 12.000 km de gasodutos em operação), no armazenamento de gás e no tratamento de GNL em terminais. O cerne da estratégia da Fluxys é atuar no setor de infraestrutura, apoiando a transição verde e o compromisso com o transporte de hidrogênio, biometano e qualquer outro portador de energia neutra em carbono, assim como CO2, acomodando sua captura, sua utilização e seu armazenamento.

Ano da internacionalização e localização do empreendimento no Brasil: Em 2021, a Fluxys ampliou suas atividades no Brasil, ao investir na TBG, com participação minoritária expressiva de 29,12%. No mesmo período, abriu um escritório no Rio de Janeiro, para apoiar o desenvolvimento do grupo no país. TBG é proprietária e operadora de uma rede de gás de 2.600 km, com importante infraestrutura de gás midstream no Brasil, abastecendo os principais centros consumidores do país (no Mato Grosso do Sul, em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul).

Fatores para a escolha de internacionalizar no Brasil (*decision tracking*): Selecionamos o Brasil (e a região da América Latina) como área geográfica chave, onde podemos contribuir com nossos conhecimentos especializados em assuntos regulatórios e operacionais sobre a infraestrutura de gás midstream. A abertura do mercado brasileiro de gás deu o impulso perfeito para a Fluxys atuar no país, enquanto a evolução do biogás e o potencial exportador do hidrogênio abrem oportunidades adicionais no escopo da estratégia de transição verde de nosso grupo.

Dados financeiros:

- Número de funcionários: 1.300
- Receita total (2021): EUR 1.136 milhões
- Lucro antes de juros e impostos (2021): EUR 395 milhões
- Lucro líquido (2021): EUR 247 milhões

3. Investimento estrangeiro direto do Brasil na União Europeia[35]

3.1 Posição de investimento estrangeiro direto

De acordo com os dados da Eurostat, o estoque de investimentos do mundo na União Europeia chegou à EUR 6,3 trilhões em 2020, ou EUR 6,4 trilhões em ativos. A maior parte desse estoque tem como origem os Estados Unidos e o Reino Unido, que em 2020 possuíam estoques de EUR 2,1 trilhões e EUR 1,3 trilhão, respectivamente. Conforme os dados disponíveis na Eurostat, a América Latina é origem de 2,3% dos investimentos diretos na União Europeia, com estoque de EUR 148,8 bilhões e ativos de EUR 152,3 bilhões em 2020.

Entre os países da América Latina, o Brasil é a maior origem dos investimentos diretos na União Europeia. O estoque de investimento direto brasileiro na União Europeia chegou a EUR 75,2 bilhões em 2020, ou EUR 77,4 bilhões em ativos. O Brasil foi a origem de mais da metade dos investimentos da América Latina no bloco europeu. Esse dado mostra a relevância da presença de empresas brasileiras no mercado europeu.

Tabela 17 - Posição de IED da América Latina na União Europeia em 2020[36]

País	Estoque de IED[1] da América Latina na UE (EUR milhões)	Participação	Ativos da América Latina na UE (EUR milhões)	Participação
Brasil	**75.225**	**50,6%**	**77.420**	**50,8%**
México	55.200	37,1%	56.280	37,0%
Uruguai	9.784	6,6%	9.854	6,5%
Venezuela	4.883	3,3%	4.883	3,2%
Argentina	1.922	1,3%	2.063	1,4%
Chile	1.746	1,2%	1.811	1,2%
Total*	**148.759**	**100%**	**152.310**	**100%**

Fonte: Eurostat. [1]Participação no Capital. *Considerando os dados disponíveis

35 – Considerando os investimentos diretos em participação de capital, os quais correspondem à diferença entre os ativos e passivos de IED das empresas estrangeiras em determinada economia.
36 – Devido à indisponibilidade dos dados de 2016, não foi possível calcular o crescimento médio anual entre 2016 e 2020.

O México, segunda maior economia da região, possui EUR 55,2 bilhões em investimentos diretos no bloco ou EUR 56,3 bilhões em ativos, conforme dados de 2020. Percebe-se que o estoque de capital brasileiro na UE é 36,2% maior que o estoque mexicano, enquanto o total de ativos é 37,6% maior. O Uruguai, que tem a menor economia entre os países latino-americanos para os quais há dados disponíveis, possui o 3º maior estoque de investimento direto na União Europeia, com EUR 9,8 bilhões; a Venezuela ocupou a 4ª posição com EUR 4,9 bilhões; a Argentina ficou em 5º lugar com EUR 1,9 bilhão; e, o Chile em 6º com EUR 1,7 bilhão. Países latinos como Colômbia, Peru, Panamá e Bolívia, entre outros, não tiveram os dados divulgados.

O Brasil tem o 9º maior estoque de investimentos na União Europeia, somando EUR 75,2 bilhões em 2020, o que corresponde a 1,2% do estoque com origem no mundo. Quando comparado às economias emergentes fora do bloco europeu, o Brasil também se destaca, sendo o 3º país emergente com maior estoque de investimentos diretos na União Europeia, superando até economias maiores como China e Índia.[37]

Tabela 18 - Posição de IED dos Países Emergentes na União Europeia em 2020

País	Estoque de IED dos países Emergentes na UE (EUR milhões)	Participação	Ativos dos países Emergentes na UE (EUR milhões)	Participação
Rússia	148.807	31,4%	148.815	31,0%
África do Sul	113.209	23,9%	113.220	23,6%
Brasil	**75.225**	**15,9%**	**77.420**	**16,1%**
China*	55.492	11,7%	55.874	11,6%
México	55.200	11,6%	56.280	11,7%
Malásia	8.716	1,8%	9.800	2,0%
Índia	5.536	1,2%	5.771	1,2%
Egito	3.202	0,7%	3.271	0,7%
Tailândia	2.836	0,6%	2.847	0,6%
Indonésia	1.936	0,4%	1.939	0,4%
Argentina	1.922	0,4%	2.063	0,4%
Chile	1.746	0,4%	1.811	0,4%
Filipinas	683	0,1%	700	0,1%
Total	**474.509**	**100%**	**479.810**	**100%**

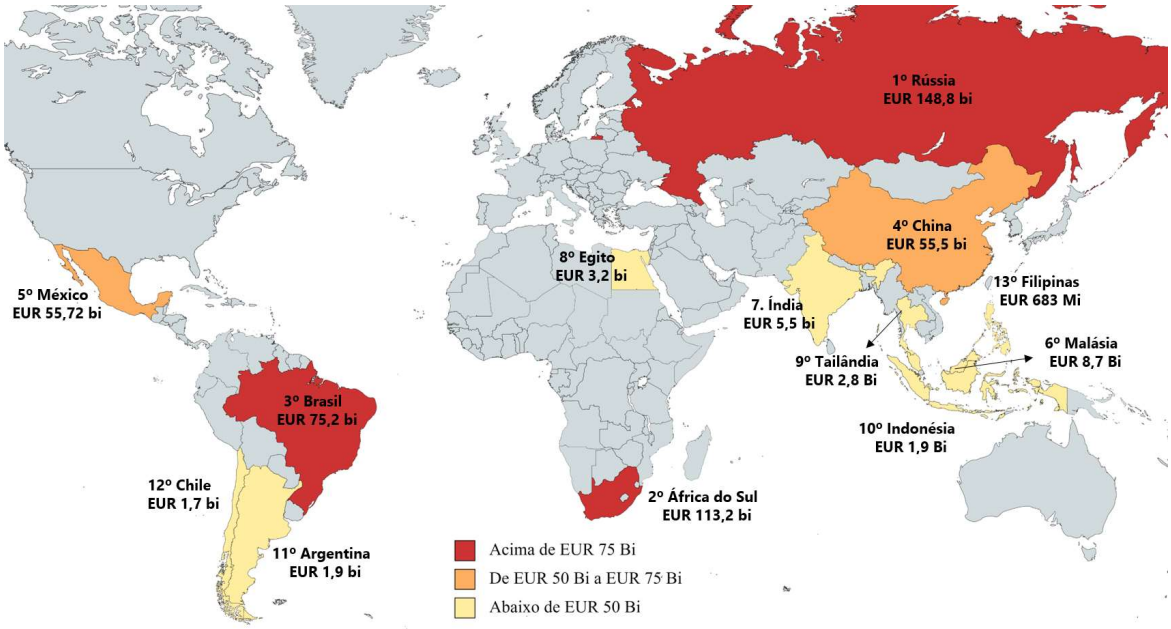
Fonte: Eurostat. [1]Participação no Capital. *Desconsiderando Hong Kong

37 – Para a seleção de economias consideradas emergentes foi utilizada a definição do Fundo Monetário Internacional. O FMI não considera Hong Kong uma economia emergente.

Considerando os países emergentes fora do bloco europeu[38], apenas a Rússia e a África do Sul apresentaram estoque de investimentos na União Europeia superiores aos do Brasil em 2020. Ressalta-se que a Rússia enfrenta sanções econômicas do Ocidente desde 2014 e que foram agravadas em 2022. Apesar do estoque de investimento russo na União Europeia ser de EUR 148,8 bilhões registrados em 2020, provavelmente ele será afetado pelas sanções econômicas de 2022.

A China ocupa a 4ª posição no ranking dos países emergentes fora do bloco, registrando EUR 55,5 bilhões em estoque de investimento direto na União Europeia com participação de 11,7%.[39] Em seguida, temos o México na 5ª posição, registrando estoque de EUR 55,2 bilhões e participação de 11,6% em 2020.

Mapa 10 - Posição de Investimento Direto dos Países Emergentes na UE em 2020



Fonte: Eurostat. *Países Emergentes, segundo o FMI.

A Malásia superou a Índia, em termos de estoque de investimento direto na União Europeia, mesmo com uma economia menor. A Malásia registrou estoque de EUR 8,7 bilhões enquanto a Índia registrou EUR 5,5 bilhões. Por outro lado, Egito, Tailândia, Indonésia, Argentina, Chile e Filipinas possuem estoques com participação abaixo de 1% entre os emergentes.

38 – Polônia e Hungria, consideradas economias emergentes pelo FMI.
39 – Excluído Hong Kong.

A tabela 19 indica a posição de investimento direto do Brasil na União Europeia em 2020 por destino. Entre os destinos que contam com dados abertos de IED brasileiro, a maior presença do estoque brasileiro em 2020 foi nos Países Baixos, chegando a EUR 50,5 bilhões e crescendo em média 2,6% ao ano em relação a 2016. Conforme mencionado anteriormente, pelo fato de ser um hub financeiro com competitividade fiscal para investimentos, essa economia acaba concentrando uma fatia considerável de IED no bloco. Em 2020, ela concentrou 67,2% do estoque de IED brasileiro e 66,9% dos ativos brasileiros na UE.

Tabela 19 - Posição de IED do Brasil na União Europeia por Destino

País	Estoque			Ativos		
	Valor (EUR milhões)	CMA 2016-20	Participação	Valor (EUR milhões)	CMA 2016-20	Participação
Países Baixos	50.531	2,6%	67,2%	51.766	3,2%	66,9%
Luxemburgo	12.232	n.d.	16,3%	12.554	n.d.	16,2%
Espanha	4.780	-13,7%	6,4%	n.d.	n.d.	n.d.
Portugal	1.948	-7,6%	2,6%	1.948	n.d.	2,5%
Bélgica	1.114	6,5%	1,5%	n.d.	n.d.	n.d.
Itália	525	3,9%	0,7%	525	3,9%	0,7%
Hungria	512	7,0%	0,7%	512	7,0%	0,7%
França	494	-0,6%	0,7%	494	-0,6%	0,6%
Alemanha	224	1,5%	0,3%	224	1,5%	0,3%
Dinamarca	46	n.d.	0,1%	46	n.d.	0,1%
Outros	5	-20,0%	0,0%	5	n.d.	0,0%
Confidencial	2.813	n.d.	3,7%	9.345	n.d.	12,1%
Total	**75.225**	**n.d.**	**100%**	**77.420**	**n.d.**	**100%**

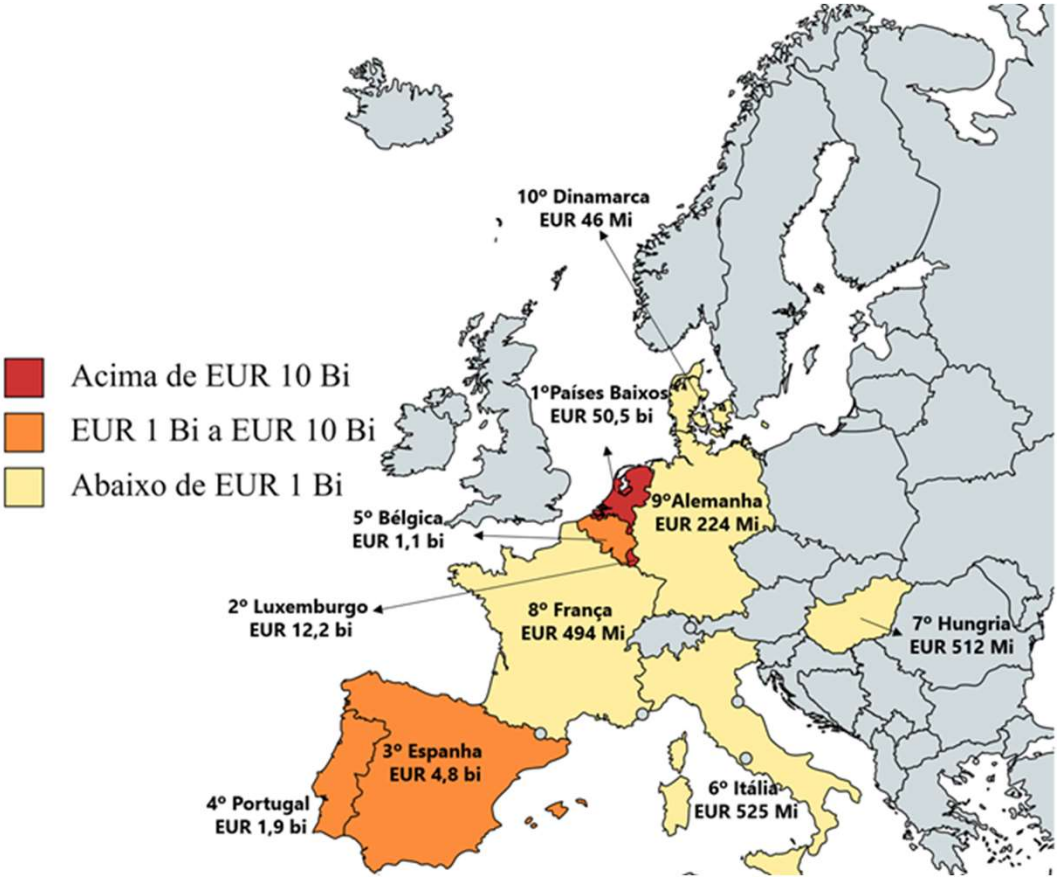
Fonte: Eurostat. Outros: Chipre, Bulgária, Estônia, República Tcheca, Irlanda, Croácia, Letônia, Polônia, Romênia, Eslovênia, Eslováquia e Finlândia. Confidencial: Grécia, Lituânia, Malta, Áustria e Suécia.

Entre os países sem restrição de confidencialidade, Luxemburgo foi o segundo maior destino dos investimentos brasileiros na União Europeia em 2020, recebendo EUR 12,2 bilhões em estoque de IED ou EUR 12,5 bilhões em ativos, com 16,3% de participação nos estoques de IED em 2020. Os dados de crescimento não foram gerados por indisponibilidade dos valores de 2016.

A Espanha ocupa a terceira posição no ranking de destino dos investimentos diretos brasileiros, registrando EUR 4,8 bilhões em estoque de IED em 2020 e com participação de 6,4%. Além disso, os investimentos brasileiros no país estão caindo a taxa média anual de 13,7% em relação a 2016. Os dados de ativos brasileiros na Espanha não foram divulgados.

Deve-se ressaltar, entretanto, que embora a Áustria esteja incluída na categoria de países que mantém seus dados sob confidencialidade, um cruzamento com os dados disponibilizados pelo Banco Central do Brasil (BCB) revela que o país possui papel relevante no estoque de IED do Brasil na União Europeia, ficando à frente da Espanha, por exemplo. Pela perspectiva do BCB, a Áustria ocuparia a 3ª posição como destino e concentraria 8,6% dos investimentos diretos brasileiros no bloco.

Mapa 11 - Posição de IED do Brasil na União Europeia por Destino em 2020



Fonte: Eurostat.

Vale destacar, ainda, que Portugal foi o quarto destino do bloco em termos de estoque e ativos de IED brasileiro. Em 2020, o estoque brasileiro de investimento direto no país chegou a EUR 1,9 bilhão, com participação de 2,6% no bloco europeu. Todavia, o estoque de IED brasileiro em Portugal vem diminuindo 7,6% ao ano desde 2016, segundo dados da Eurostat.

Por outro lado, o estoque de IED brasileiro na Bélgica, Itália e Hungria é pequeno, mas apresenta crescimento médio de 6,5%, 3,9% e 7,0%, respectivamente. Se essa tendência se consolidar nos próximos anos, esses países ganharão maior protagonismo como destinos do capital brasileiro na União Europeia.

A perspectiva setorial dos investimentos diretos do Brasil na União Europeia apresenta fortes variações entre 2016 e 2019, incluindo estoque de IED negativo em alguns setores, conforme dados da Eurostat em seguida. Ressalta-se que os dados setoriais de 2020 ainda não foram divulgados.

O estoque de IED negativo indica que as empresas brasileiras estão utilizando a União Europeia para acessar financiamentos mais competitivos através de suas subsidiárias, dada a diferença na estrutura de juros em relação à economia brasileira. Em outras palavras, o estoque de IED negativo significa que as obrigações para com terceiros no exterior sobrepujaram os ativos.

Tabela 20 - Posição de Investimento Direto do Brasil na União Europeia por Setor

Setor	2016	2017	2018	2019
Mineração	1.709	1.477	-41	-6
Manufaturas	n.d.	n.d.	-557	394
Construção	122	59	-203	129
Comércio Varejista e Reparo de Veículos	1.596	n.d.	207	154
Atividades Financeiras	19.968	9.873	-11.153	-8.514
Atividades Imobiliárias	1.122	1.382	1.159	1.424
Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	16.387	31.977	4.629	5.353
Outros Setores	88	16	-100	-180
Total	**40.991**	**44.785**	**-6.059**	**-1.246**

Fonte: Eurostat.

Considerando que esses financiamentos possuem natureza econômica diferente do investimento produtivo de longo-prazo que as empresas fazem para se internacionalizarem, mas são contabilizados na mesma conta da balança de pagamentos, a análise da perspectiva setorial foi reduzida para evitar interpretações equivocadas.

Dessa maneira, segundo os dados da Eurostat, nota-se que a maior parte dos investimentos diretos brasileiros na União Europeia está concentrada no setor de serviços. Observa-se que os setores de "Atividades Financeiras" e "Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas" foram responsáveis pelas principais movimentações de capitais do Brasil com destino à União Europeia, representando cerca de 90% do investimento direto brasileiro na UE entre 2016 e 2017. O setor de atividades profissionais, científicas e técnicas, no caso brasileiro, engloba principalmente serviços administrativos e de escritórios.

Os setores de "Atividade Imobiliárias" e "Indústria" aparecem em seguida, registrando investimentos brasileiros substanciais na União Europeia.

Tabela 21 - Posição de Investimento Direto do Brasil na União Europeia por Setor Manufatureiro – (EUR milhões)

Setor Manufatureiro	2016	2017	2018	2019
Alimentos e Bebidas	5	-12	-23	-23
Roupas e Vestuário	86	98	32	50
Coque e Produtos Petrolíferos	n.d.	n.d.	-451	114
Produtos Químicos	-61	-82	-235	-133
Produtos Farmacêuticos	-36	-25	-161	-111
Máquinas e Produtos de Metal	3.637	4.135	511	629
Eletrônicos e Informática	-36	-130	-133	-32
Automóveis	-46	-75	-83	-81
Outros	n.d.	n.d.	-122	-28
Total	**n.d.**	**n.d.**	**-557**	**394**

Fonte: Eurostat.

Os dados da Eurostat apresentaram valores de estoque de IED negativo para a maioria dos subsetores de manufaturas, como alimentos e bebidas, produtos químicos, produtos farmacêuticos, eletrônicos e informática, automóveis, entre outros. Por outro lado, os setores de roupas e vestuário, coque e produtos petrolíferos, máquinas e produtos de metal apresentaram estoque de IED positivo, conforme dados de 2019.

3.2 Fluxo de investimento estrangeiro direto

O Fluxo de Investimento Brasileiro Direto na União Europeia é a entrada líquida de capital brasileiro na União Europeia com objetivo de longo prazo (com participação mínima de 10% do capital da empresa investida).

Tabela 22 – Fluxo de IED do Brasil para União Europeia (EUR milhões)

País	2016	2017	2018	2019	2020
China[1]	8.793	5.512	6.661	10.548	9.171
Índia	865	320	9	332	-314
México	8.612	n.d.	-2.995	-573	-1.572
Brasil	**1.384**	**1.690**	**-43.790**	**20.354**	**-4.043**

Fonte: Eurostat. [1]Excluído Hong Kong.

O fluxo de IED do Brasil para a União Europeia mostrou um comportamento de altos e baixos, incluindo valores negativos. Nos anos 2016, 2017 e 2019 houve saldo positivo no fluxo de capital brasileiro com destino a União Europeia, por outro lado, nos anos 2018 e 2020, observa-se o fluxo de IED negativo. O fluxo de IED negativo pode ser vinculado a desinvestimentos (liquidação de ativos ou venda da empresa) ou, como já mencionado no tópico anterior, a financiamentos externos.

Os países emergentes como México e Índia também registraram fluxos de investimento direto negativos no período analisado. A China manteve fluxos de IED positivo durante o período analisado e registrou EUR 9,2 bilhões em 2020, mesmo com a pandemia do COVID-19.

3.3 Renda líquida do investimento estrangeiro direto

A Renda Líquida de Investimento Estrangeiro Direto é o valor auferido pelos investidores em suas atividades de IED no destino do investimento, o qual retorna ao seu país de origem. Esse valor, de acordo com o BPM6[40], não inclui os lucros reinvestidos no país de destino, apenas os lucros retornados ao país de origem.

40 – 6ª Edição do Manual de Balança de Pagamentos do Fundo Monetário Internacional.

Tabela 23 – Renda Líquida de IED do Brasil para União Europeia (EUR milhões)

País	2016	2017	2018	2019	2020
China[1]	1.783	3.309	2.454	2.845	2.892
México	948	n.d.	1.921	1.382	1.280
Índia	-62	233	464	255	-579
Brasil	**-5.074**	**n.d.**	**226**	**-1.728**	**-3.181**

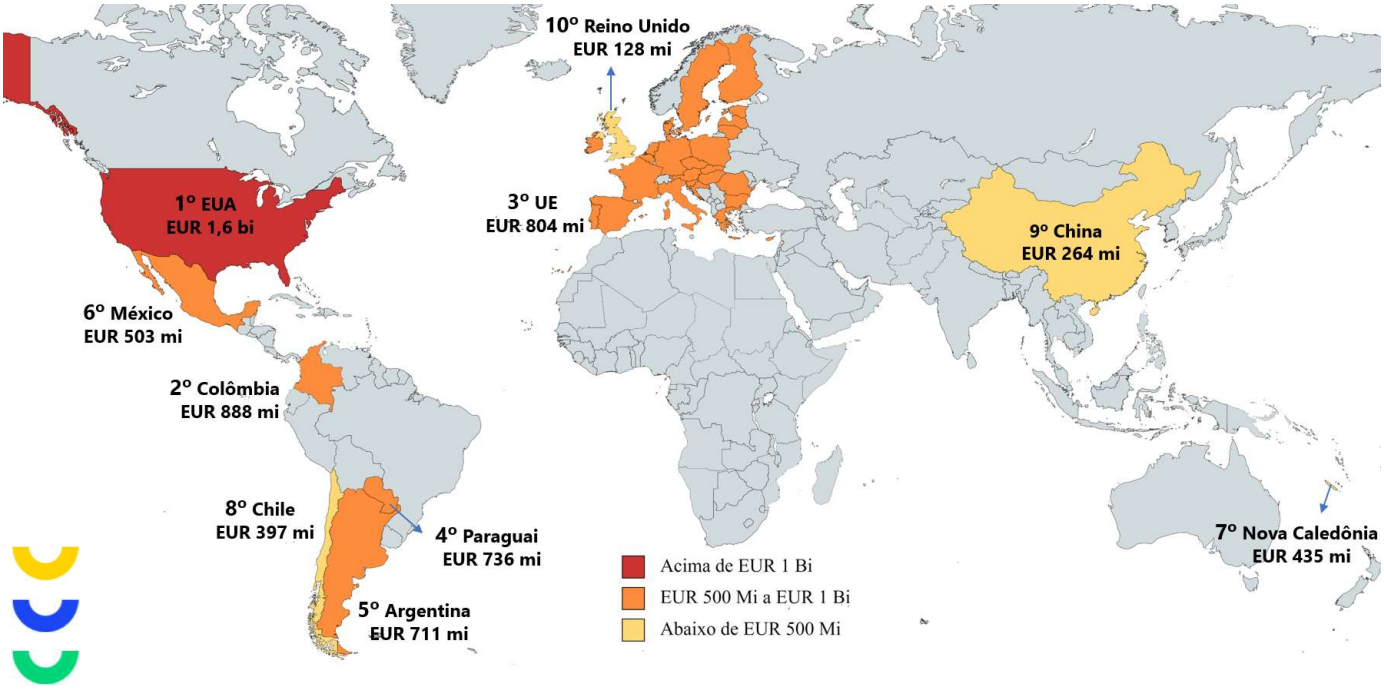
Fonte: Eurostat. [1]Excluído Hong Kong.

O Brasil e a Índia apresentaram renda líquida de IED negativa em 2020. Nesse sentido, pode-se interpretar que empresas brasileiras e indianas não enviaram lucro para suas matrizes, entretanto elas podem ter gerado lucro e reinvestido no respectivo país da União Europeia. Por outro lado, a China e o México registraram Renda Líquida positiva durante o período analisado.

3.4 Anúncios de investimentos produtivos do Brasil na UE

Entre 2016 e 2020, a Orbis BvD identificou 551 anúncios de investimentos em projetos produtivos por parte de empresas do Brasil no exterior. O valor total desses anúncios foi de EUR 7,1 bilhões. Com anúncios avaliados em EUR 1,6 bilhão, ou 22,9% do total, os Estados Unidos foram o principal destino dos investimentos brasileiros no exterior ao longo do período analisado. Em seguida veio a Colômbia, com EUR 888,2 milhões em investimentos anunciados. A União Europeia vem logo atrás, com anúncios de investimentos totalizando EUR 804 milhões.

Mapa 12 - Principais destinos dos anúncios de investimentos greenfield do Brasil (2016-2020)[41]



Fonte: Orbis BvD.

A título de comparação, os EUR 804 milhões anunciados por empresas brasileiras na União Europeia fizeram do Brasil o quarto maior investidor latino-americano e caribenho entre 2016 e 2020, atrás apenas das Ilhas Virgens Britânicas, das Ilhas Cayman e do México, respectivamente. Deve-se ressaltar, no entanto, que os elevados valores atribuídos às Ilhas Virgens Britânicas e às Ilhas Cayman derivam de seus status de países ou dependências com tributação favorecida e regimes fiscais privilegiados, conforme definição da Receita Federal do Brasil.[42] Em relação à criação de empregos gerados, estima-se que o Brasil gerou a terceira maior quantidade de empregos na UE ao longo do período analisado, atrás das Ilhas Virgens Britânicas e das Ilhas Cayman, mas superando o México.

41 – A Nova Caledônia aparece como um dos principais destinos dos investimentos brasileiros no período analisado em função da operação de níquel que a mineradora possuía no país. Em 2021, a Vale vendeu sua participação acionária na Vale Nouvelle-Calédonie S.A.S para o consórcio Prony Resources New Caledonia.
42 – Instrução Normativa RFB Nº 1037, 04 de junho de 2010

Tabela 24 – Anúncios de investimentos greenfield da América Latina e Caribe na União Europeia (2016-2020)

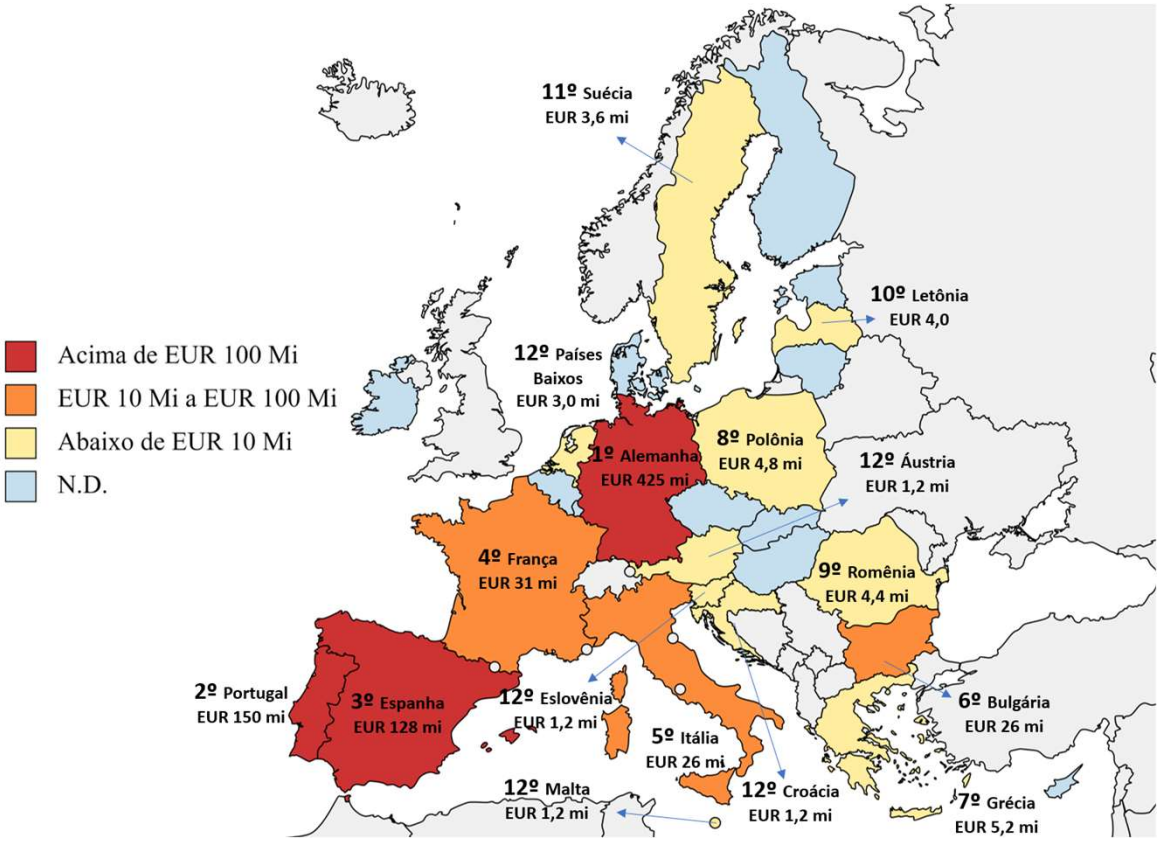
País/Território	Valor (EUR milhões)	Participação	Empregos gerados (estimativa)
Ilhas Virgens Britânicas	3.306	34,3%	8.277
Ilhas Cayman	3.225	33,5%	11.358
México	969	10,1%	2.551
Brasil	**804**	**8,3%**	**2.842**
Panamá	403	4,2%	2.214
Argentina	269	2,8%	627
Bahamas	218	2,3%	430
Chile	214	2,2%	572
Curaçao	102	1,1%	341
Venezuela	40	0,4%	200
Outros	77	0,8%	462
Total	**9.627**	**100,0%**	**29.874**

Fonte: Orbis BvD.

Com EUR 424,5 milhões em valores anunciados na Alemanha, o país destacou-se, entre os membros da União Europeia, como o principal destino dos investimentos produtivos do Brasil, entre 2016 e 2020. A liderança alemã como destino do capital brasileiro dá-se, principalmente, em função do país ser a maior economia e ser o mais populoso do bloco. Quatro empresas foram responsáveis por 93,3% dos valores anunciados para investimentos produtivos na Alemanha. A Scott Technology, fabricante de sistemas de automação e controlada pela brasileira JBS, investiu EUR 157 milhões em 2016 com a abertura de uma fábrica, um centro de P&D e um escritório de vendas na cidade alemã de Kurnbach. Em 2017, o Nubank, provedor de serviços financeiros, investiu EUR 136,7 milhões em um centro de desenvolvimento de software em Berlim. A Iochpe-Maxion, fabricante de rodas e de componentes estruturais automotivos, abriu um centro de inovação e de P&D em Berlim em 2017, avaliado em EUR 60 milhões. E em 2019, a The Body Shop, subsidiária da Natura, anunciou a relocação de seu centro de distribuição em Berlim, em um investimento avaliado em EUR 40 milhões.

Percebe-se uma grande concentração dos anúncios de investimentos produtivos brasileiros em três países da União Europeia: Alemanha (EUR 424,5 milhões / 52,7% do total), Portugal (EUR 149,8 milhões / 18,6%) e Espanha (EUR 128,1 milhões / 15,9%). Somados, os três países representaram 87,4% dos anúncios de investimentos identificados pela Orbis BvD entre 2016 e 2020. Portugal também se destaca como grande destino do capital brasileiro em função da história compartilhada com o Brasil e devido às afinidades linguísticas e culturais. Esses fatores, somados ao fato de que a mão de obra portuguesa é mais barata que a de seus pares na UE, fizeram do país lusitano um ponto de entrada natural para investidores brasileiros no continente europeu. Ao todo, a Orbis identificou anúncios de investimentos produtivos brasileiros em 18 dos 27 países da União Europeia ao longo do período analisado.

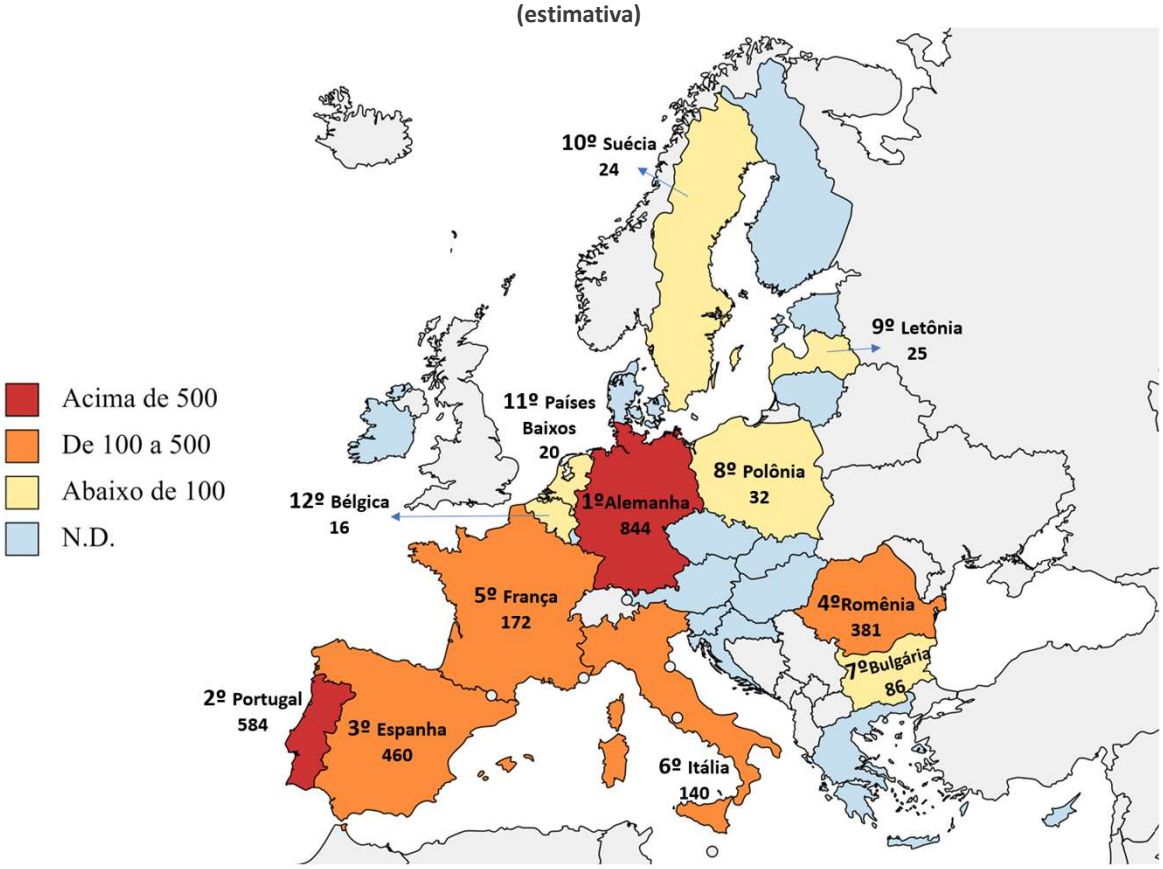
Mapa 13 - Destino do IED produtivo anunciado pelo Brasil na União Europeia (2016-2020)



Fonte: Orbis BvD.

Em sintonia com os valores anunciados, os mesmos três países, Alemanha, Portugal e Espanha, lideram na estimativa de empregos gerados. Estima-se que na Alemanha foram gerados 844 empregos (30,3% do total), 584 em Portugal (21%) e 460 na Espanha (16,5%). Com 381 postos de trabalho gerados (estimativa) por meio de investimentos brasileiros, a Romênia se destacou como o quarto país onde o capital brasileiro mais criou empregos na União Europeia entre 2016 e 2020. Isso se deve ao anúncio de expansão do escritório de vendas e do centro de inovação e de P&D que a Stefanini, empresa brasileira de TI, mantem no país do leste europeu. Estima-se que essa expansão geraria 365 novos postos de trabalho.[43] Graças ao alto nível de educação técnica na Romênia, o país se tornou o centro de TI da empresa para o continente. A multinacional emprega cerca de 2.500 pessoas na Europa, 1.500 das quais na Romênia.[44]

Mapa 14 - Empregos gerados nos membros da União Europeia entre 2016 e 2020 (estimativa)



Fonte: Orbis BvD.

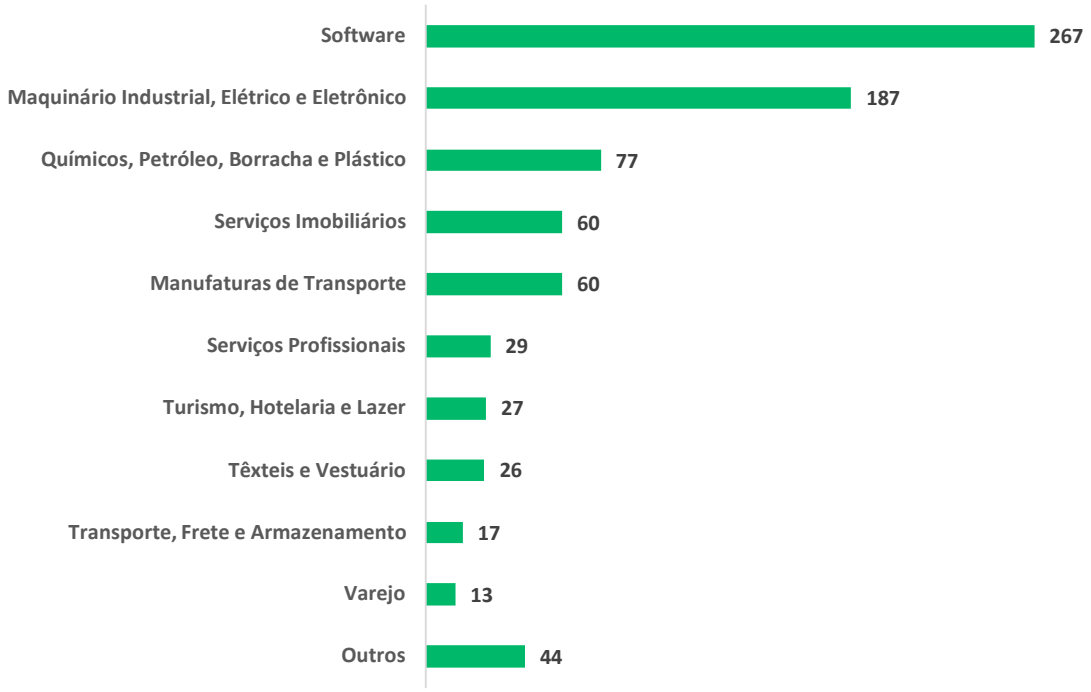
43 – Os demais empregos foram gerados pela abertura de lojas da The Body Shop (controlada pela Natura) no país.
44 – https://stefanini.com/pt-br/trends/noticias/stefanini-abre-centro-de-operacoes-de-seguranca-na-romenia

Em relação aos setores das empresas que originaram os anúncios de investimentos produtivos na União Europeia entre 2016 e 2020, o setor de “Software” concentrou 33,2% dos valores anunciados totais (ou EUR 267,5 milhões), refletindo não apenas a atratividade do mercado europeu, mas também o alto nível de qualificação técnica da mão de obra local. Três empresas concentraram 96% dos valores anunciados pelo setor: Nubank, com EUR 136,7 milhões anunciados (51,1% do total), e Vtex e Creditas, com EUR 60 milhões cada (22,4% para cada uma das empresas).

O segundo setor que mais anunciou investimentos produtivos na União Europeia foi o setor de “Maquinário Industrial, Elétrico e Eletrônico”, com EUR 187 milhões. Destaque para os já citados investimentos de EUR 157 milhões da Scott Technology, subsidiária da JBS, que representaram 84% desse total.

Outros setores de destaque são “Químicos, Petróleo, Borracha e Plástico” (9,6% do total), “Manufaturas de Transporte” (7,4%) e “Serviços Imobiliários” (7,4%). Os demais setores obtiveram participação de no máximo 3,5% dos valores anunciados.

Gráfico 12 - Setores de origem dos anúncios de IED produtivo no Brasil entre 2016 e 2020 (EUR milhões)



Fonte: Orbis BvD.

Além de ser o setor que mais anunciou valores de investimentos, o setor de "Software" foi o que gerou a maior estimativa de empregos gerados (904). O setor foi seguido por "Químicos, Petróleo, Borracha e Plástico" (511), "Maquinário Industrial, Elétrico e Eletrônico" (399), e "Serviços Imobiliários" (300). Somados, os quatro setores concentraram 74,2% dos empregos gerados estimados. Já em termos de empregos gerados por milhão de euros anunciados, "Têxteis e Vestuário" lidera com 7,1 empregos por milhão de euros, bem acima da média total de 3,5.

Tabela 25 - Empregos gerados por setor do investidor entre 2016 e 2020

Setor	Empregos gerados (estimativa)	Empregos gerados por EUR milhão anunciado
Software	904	3,4
Químicos, Petróleo, Borracha e Plástico	511	6,6
Maquinário Industrial, Elétrico e Eletrônico	399	2,1
Serviços Imobiliários	300	5,0
Têxteis e Vestuário	185	7,1
Serviços Profissionais	104	3,6
Turismo, Hotelaria e Lazer	92	3,4
Varejo	88	6,7
Manufaturas de Transporte	75	1,3
Administração Pública, Educação e Serviços Sociais de Saúde	70	5,6
Outros	121	2,8
Total	**2.849**	**3,5**

Fonte: Orbis BvD.

Entre as atividades de destino dos investimentos brasileiros, anúncios de investimentos voltados para o estabelecimento de sedes regionais totalizaram EUR 171 milhões entre 2016 e 2020, equivalente a 21,2% dos valores totais. Aqui, destacaram-se as aberturas das sedes regionais da Vtex e da Creditas, cada uma avaliada em EUR 60 milhões, nas cidades espanholas de Barcelona e Valencia, respectivamente.

A segunda principal atividade de investimento foi o estabelecimento de centros de P&D, com valores anunciados de EUR 129,5 milhões (16,1% do total). Os principais anúncios foram feitos pela Ioschpe-Maxion e pela Scott Technology (controlada pela JBS). As duas empresas abriram centros de P&D na Alemanha, cada um avaliado em EUR 60 milhões.

Com investimentos anunciados totalizando EUR 125 milhões (15,5% do total), a atividade de "Manufaturas" ficou na terceira posição, com destaque aos investimentos da Scott Technology e da Weg. Com EUR 120 milhões em anúncios de investimentos (14,9% do total), "Centro de Processamento de Dados" foi a quarta atividade com mais valores anunciados, sendo que a totalidade dos valores foi investida pela Nubank com a abertura de um centro de desenvolvimento de software em Berlim. Nenhuma outra atividade representou mais de 10% dos valores anunciados.

Tabela 26 - Atividades de destino dos anúncios de IED produtivo no Brasil entre 2016 e 2020

Atividade	Valor (EUR milhões)	Participação
Sede Regional	171	21,2%
Centro de P&D	129	16,1%
Manufaturas	125	15,5%
Centro de Processamento de Dados	120	14,9%
Hotelaria	60	7,4%
Logística, Distribuição e Transporte	50	6,2%
Varejo	44	5,5%
Centro de Desenvolvimento de Software	33	4,1%
Escritório de Vendas	32	4,0%
Educação & Treinamento	25	3,1%
Outros	16	2,0%
Total	**806**	**100,0%**

Fonte: Orbis BvD.

Além de ser destinatária do maior volume de valores anunciados, o estabelecimento de sedes regionais foi a atividade que gerou a maior estimativa de empregos diretos criados (572). No entanto, "Escritórios de Vendas" que aparece como a nona atividade em termos de valores investidos, salta para a segunda colocação em termos de empregos gerados (estimativa), seguida por "Manufaturas" (345), "Varejo" (341) e "Hotelaria" (300).

Tabela 27 – Empregos gerados por atividade de destino

Atividade	Empregos gerados (estimativa)
Sede Regional	572
Escritório de Vendas	546
Manufaturas	345
Varejo	341
Hotelaria	300
Logística, Distribuição e Transporte	235
Centro de P&D	234
Educação & Treinamento	140
Centro de Desenvolvimento de Software	87
Serviços Financeiros	25
Outros	24
Total	**2.849**

Fonte: Orbis BvD.

3.5 Anúncios de transações de fusões e aquisições do Brasil na UE

Dos 10 anúncios de fusões e aquisições por parte de empresas brasileiras na UE identificados pela Orbis BvD, apenas dois tiveram seus valores anunciados. O maior deles foi a aquisição de uma participação minoritária da Verallia, empresa francesa e uma das maiores fabricantes de embalagens de vidros do mundo, por parte da Brasil Warrant Administração de Bens e Empresas, holding de investimentos da família Moreira Salles. A transação foi avaliada em EUR 755 milhões. A Orbis também identificou a aquisição da Almundo, provedora de serviços de voos e viagens e baseada em Amsterdam, pela CVC Brasil, em um negócio avaliado em EUR 69,5 milhões.

3.6 Investimentos em infraestrutura na UE

A Fitch identifica apenas um projeto de infraestrutura na União Europeia do qual uma empresa brasileira atua como patrocinadora. Trata-se do cabo EllaLink, cabo submarino de fibra ótica que liga Fortaleza, no Brasil, à cidade portuguesa de Sines. O cabo da EllaLink, que teve a Telebras como um de seus patrocinadores, é o primeiro de alta capacidade a ligar diretamente o Brasil à Europa – a conexão vinha sendo feita exclusivamente via Estados Unidos.

3.7 Estudos de casos de empresas do Brasil na UE

Nome da empresa: Embraer S.A.

Setor: Aeronáutica e Defesa

Ano de fundação: 1969

Breve histórico: A Embraer foi criada no Brasil em 1969, tendo iniciado a sua atividade com o desenvolvimento de uma aeronave turbo-propulsor destinada ao uso civil e militar dual e com capacidade para transportar de 15 a 21 passageiros, o "Bandeirante". A partir deste primeiro projeto, muitos outros foram desenvolvidos e comercializados para operadores de aeronaves para todo o mundo.

Atualmente a Embraer, contando com perto de 18.000 colaboradores, é o terceiro maior fabricante mundial de jatos comerciais, com mais de 8.000 aeronaves entregues a operadores de todo o globo. É também uma empresa líder em segmentos dentro do mercado da Aviação Executiva, e uma empresa de referência na área de Defesa e Segurança.

Ano da internacionalização e localização do empreendimento na UE: A Embraer instalou-se na Europa em 1983, no Aeroporto de Le Bourget, tendo desenvolvido desde então vários projetos empresariais e industriais no continente. Estes incluíram a seleção em 2005 pelo Governo Português para ser seu sócio no processo de privatização da empresa OGMA – Indústria Aeronáutica de Portugal S.A.

Fatores para a escolha de internacionalizar na UE (*decision tracking*): A frota de aeronaves Embraer em expansão na Europa constituiu um fator importante, numa lógica de garantir o suporte adequado aos seus clientes nos mercados civis e militares. Outro foi a integração no ecossistema de inovação Europeu, quer em matéria de P&D, quer de atividade industrial.

Nesse contexto surge a oportunidade com o Governo Português, no processo de privatização da OGMA S.A. em 2005, empresa situada em Alverca, junto a Lisboa.

Integrada no Grupo Embraer, a empresa tem promovido vários investimentos nas áreas de Manutenção de Motores e de Aeronaves, e na área de fabricação de aeroestruturas. O último, e também o maior em termos do montante envolvido, diz respeito à capacitação da OGMA S.A. para a manutenção de motores de nova geração da família Pratt & Whitney, Geared TurboFan.

Dados financeiros: Projeto de Investimento para capacitação da OGMA S.A. em Manutenção de Motores Pratt & Whitney GTF.

Os Geared TurboFan (GTF) da construtora Americana Pratt & Whitney constituem uma nova geração de motores, em operação desde 2016. Com um investimento estimado superior a 74 milhões de euros, irá permitir na primeira fase do projeto a criação de cerca de 300 novos postos de trabalho altamente qualificados na OGMA S.A., prevendo-se que o faturamento anual da empresa venha a ultrapassar os 600 milhões de euros.

Nome da empresa: Iochpe-Maxion S.A

Setor: Autopeças

Ano de fundação: 1918

Breve histórico: A Companhia iniciou suas operações em 1918 no setor madeireiro e posteriormente diversificou para os setores financeiro e industrial. Em 1984, listou suas ações na B3. Durante os anos 80, adquiriu várias empresas industriais, notadamente no setor de equipamentos agrícolas. Nos anos 90, reavaliou sua estratégia para se concentrar na produção de autopeças e equipamentos ferroviários, alienando uma parcela significativa dos ativos não relacionados a esses setores.

No início de 2000, a Companhia transferiu 50% dos negócios em equipamentos ferroviários para a Amsted Industries, formando uma joint-venture de 50% de propriedade da Amsted-Maxion na época. Após essa transferência, se concentrou no negócio de autopeças, através da divisão de rodas e da divisão de chassis e componentes automotivos.

Entre 2009 e 2012, a Companhia passou por uma fase de expansão significativa, principalmente por meio de uma série de aquisições estratégicas no Brasil e no exterior. Em agosto de 2009, adquiriu o negócio de rodas da ArvinMeritor no Brasil, no México e nos Estados Unidos. Em dezembro de 2010, adquiriu os ativos do negócio de rodas do grupo CIE Automotive no México. Em maio de 2011, adquiriu 50% das ações da Maxion Montich S.A. (anteriormente denominada Montich S.A.), uma empresa argentina fabricante de eixos, chassis e peças estampadas para veículos comerciais. No início de 2012, adquiriu o antigo grupo Galaz, fabricante de longarinas para veículos comerciais no México, e o antigo grupo Hayes Lemmerz, um importante fabricante mundial de rodas automotivas de aço e alumínio para veículos leves e rodas automotivas de aço para veículos comerciais.

Entre 2015 e 2019, focou na integração dos negócios adquiridos e na consolidação de sua posição de liderança na indústria mundial de abastecimento automotivo.

Ano da internacionalização: Em 2012, com a aquisição do grupo Hayes Lemmerz.

Fatores para a escolha de internacionalizar na UE (*decision tracking*): A Companhia tinha o interesse de comercializar seus produtos no continente europeu, uma região muito representativa para o setor automotivo global devido à quantidade de montadoras presentes e ao expressivo volume de veículos produzidos e vendidos.

Vale ressaltar que devido às características dos nossos produtos e histórico de relacionamentos com as montadoras, entendíamos que essa entrada no mercado automotivo europeu não teria sucesso através da exportação a partir do Brasil, teríamos que necessariamente ter base produtiva na região. Hoje a Iochpe-Maxion abastece seus clientes na Europa principalmente a partir de suas fabricas na Alemanha, Itália, Espanha, República Tcheca e Turquia.

Desde 2012 a Companhia vem investindo na atualização e expansão de suas fabricas, globalmente e no Continente Europeu, bem como desenvolvendo novas soluções tecnológicas, de produtos e processos através de seus centros de Engenharia baseados no Brasil, na Alemanha, na Itália e na Tailândia.

Em 2019 expandimos ainda mais nossos esforços em Inovação e com Start-Ups quando iniciamos atividades em Berlim através nosso grupo Maxion Advanced Technologies.

Dados financeiros:

Receita Operacional Líquida - R$ mil	2020	2021	Var.
Iochpe-Maxion consolidado	8.760.568	13.688.367	*56,2%*
	100,0%	*100,0%*	
Europa	3.441.442	4.385.835	*27,4%*
	39,3%	*32,0%*	

Os investimentos atingiram R$ 484,6 milhões em 2021. Os principais investimentos no período foram relacionados à saúde e segurança, manutenção, lançamento de novos produtos e melhoria da produtividade.

Nome da empresa: JBS AS

Setor: Alimentos

Ano de fundação: 1953

Breve histórico: Com quase 70 anos de história, a JBS S.A. é uma multinacional de origem brasileira, reconhecida como uma das líderes globais da indústria de alimentos. Com sede na cidade de São Paulo, a Companhia está presente em mais de 20 países.

Em todos os locais onde atua, os mais de 250 mil colaboradores seguem as mesmas diretrizes em relação aos aspectos de sustentabilidade – econômico, social e ambiental –, inovação, qualidade e segurança dos alimentos, com a adoção das melhores práticas, sempre pautados pela mesma Missão e Valores.

A JBS conta com um portfólio de produtos diversificado, com opções que vão desde carnes in natura e congelados até pratos prontos para o consumo, comercializados por meio de marcas reconhecidas no Brasil e no exterior, como Friboi, 1953, Swift, Seara, Seara Gourmet, Doriana, Massa Leve, Pilgrim's Pride, Swift Prepared Foods, Primo, entre outras.

A Companhia também atua com negócios correlacionados, como couro, biodiesel, colágeno, envoltórios naturais, higiene pessoal e limpeza, embalagens metálicas, transportes e soluções em gestão de resíduos, reciclagem, operações inovadoras e que promovem também a sustentabilidade de toda a cadeia de valor do Negócio.

JBS na Europa

+ 20 mil colaboradores;

10 empresas europeias;

Marcas líderes em carnes e proteína alternativa;

44 unidades produtivas;

Atendendo a clientes na UE + Reino Unido;

Operações e escritórios no Reino Unido (Pilgrim's UK, Moy Park, Pilgrim's Food Masters, JBS Global e Seara), Itália (King's, Rigamonti e Principe), França (Moy Park), Holanda (Vivera e Seara) e Bélgica (JBS Toledo);

Líder na produção de alimentos frescos, preparados, congelados e refrigerados à base de carne e vegetais no Reino Unido;

Terceira maior empresa de plant-based da Europa, com uma plataforma que permite a expansão em proteínas alternativas e produtos de valor agregado, para atender os gostos dos clientes sempre em evolução.

Nome da empresa: WEG S.A.

Setor: Bens de capital, indústria de equipamentos eletroeletrônicos

Ano de fundação: 1961

Breve história: A WEG foi fundada em 16/09/1961 com sede em Jaraguá do Sul, SC, Brasil, como fabricante de motores elétricos. A partir da década de 80, a WEG ampliou seu portfólio com a produção de componentes eletroeletrônicos, produtos para automação industrial, geradores, turbinas, redutores, transformadores de força e distribuição, tintas líquidas e em pó e vernizes eletro isolantes. Dessa forma, a empresa se consolidou não só como fabricante de motores elétricos, mas como fornecedora de sistemas de energia e sistemas elétricos industriais completos, se tornando um player global, que conta atualmente com aproximadamente 37 mil colaboradores distribuídos nos seus 48 parques fabris localizados em 13 países, com vendas para mais de 135 países.

Ano da internacionalização e localização do empreendimento na Europa: A WEG iniciou sua internacionalização na década de 1970. Em 1973 fez a primeira exportação para Alemanha e em 1976 abriu um escritório com um parceiro local neste mesmo país.

Na década de 1980, ampliou as exportações para a Alemanha e outros países da Europa, como Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Países Baixos, Inglaterra, Itália, Portugal e Suíça.

Na década seguinte intensificou sua presença no mercado externo através da abertura de filiais comerciais. Na Europa, naquela década, foram abertas filiais comerciais na Bélgica, Inglaterra, Espanha, França e Suécia.

Na década de 2000, a empresa avançou no estabelecimento de fábricas na Europa. Em 2002, a WEG iniciou suas operações em Portugal com a compra de uma fábrica de motores elétricos em Maia, região metropolitana de Porto. Em 2015 a companhia iniciou a construção de uma nova fábrica em Santo Tirso, distante apenas 24 quilômetros de Maia. A unidade de Santo Tirso foi inaugurada em 2018 e incorpora uma linha de produção mais verticalizada com processos de usinagem, fabricação de rotor, bobinagem, montagem e laboratórios de ensaios elétricos dedicados. Atualmente a WEG emprega mais de 700 pessoas em Portugal. Em fevereiro de 2022, a WEG anunciou investimentos de 23,5 milhões de euros na construção de uma nova fábrica de motores elétricos de baixa tensão em Santo Tirso, Portugal. O investimento é um passo estratégico e muito importante para a expansão da WEG no mercado europeu. A nova fábrica em Santo Tirso deve entrar em operação no primeiro trimestre 2024 e gerar cerca de 100 novos empregos.

Em 2011, a WEG adquiriu a Watt Drive Antriebstechnik GmbH, companhia localizada na Áustria especializada no desenvolvimento e fabricação de redutores, motorredutores, inversores de frequência e sistemas de acionamento.

Em 2014, deu um passo na Alemanha, adquirindo a Antriebstechnik KATT Hessen GmbH, empresa que atua na fabricação de motores especiais de alta velocidade e a fábrica de motores e motorredutores pertencentes à Württembergische Elektromotoren GmbH.

Em 2015, na Espanha, foi realizada a aquisição da Autrial S.L., fabricante de painéis elétricos para equipamentos e instalações industriais tem sede em Valencia.

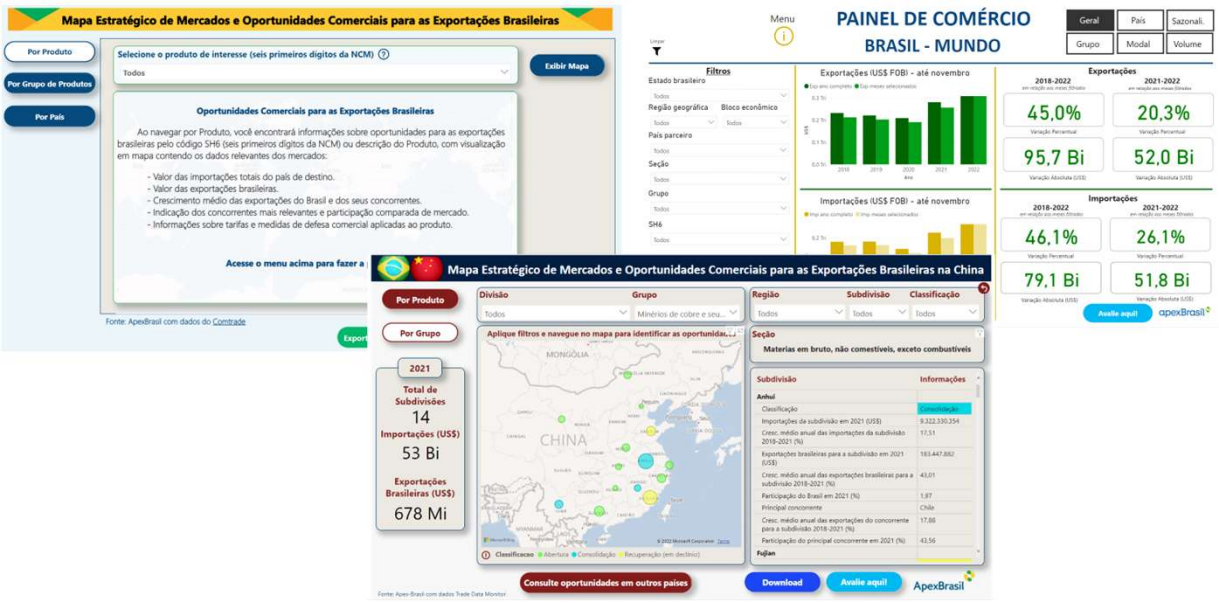
Fatores para a escolha da internacionalização na Europa (*decision tracking*): Está no DNA da WEG a internacionalização. Ela teve início sete anos depois da fundação, em 1968, quando os fundadores viajaram à Europa, em buscar de tecnologia, novos mercados e modelos de gestão. Dois anos depois começaram as primeiras exportações, marcando a entrada da companhia no mercado internacional.

O mercado europeu tem grande potencial de negócios em segmentos atendidos pela WEG, além de ser referência em tecnologia e qualidade.

Dados financeiros: Em 2021, a Receita Operacional Líquida (ROL) consolidada atingiu R$ 23,5 bilhões, apresentando crescimento de 34,9% em relação a 2020. 54% da receita é proveniente do mercado externo. A Companhia fechou o ano com investimentos da ordem de 550 milhões de reais em atividades de pesquisa e desenvolvimento, envolvendo seus centros de inovação localizados em 13 países, além de 109 laboratórios espalhados pelo mundo, sendo 39 no exterior.

Produtos de Inteligência de Mercado
ApexBrasil

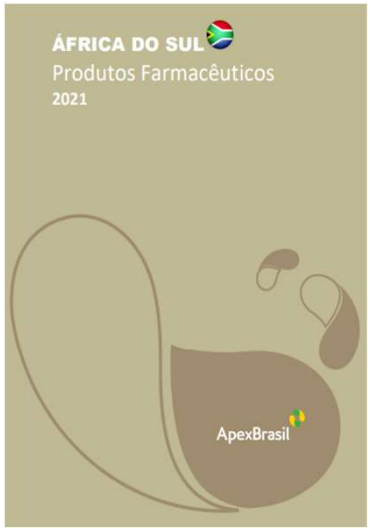
Painéis

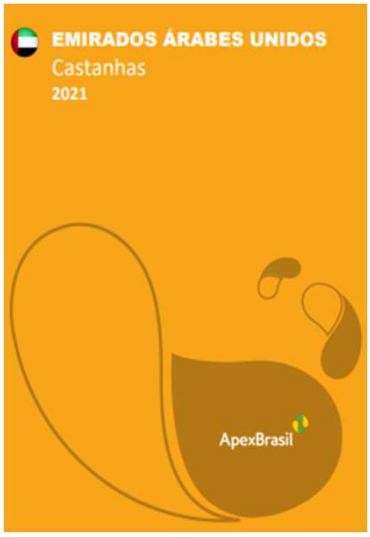


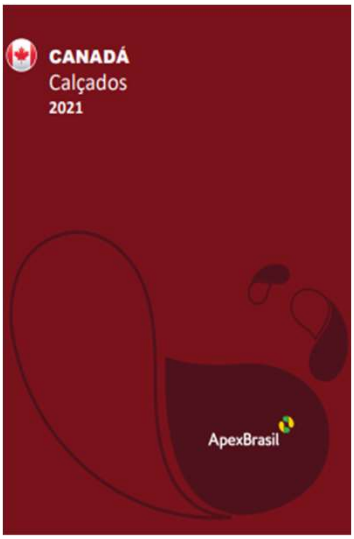
Alertas e Informes

Produtos de Inteligência de Mercado
ApexBrasil

Estudos







Webinars

Centro Empresarial CNC
SAUN, Quadra 05, Bloco C, Torre II, salas 1201 a 1701
CEP 70040-250 – Brasília, DF, Brasil

apexbrasil@apexbrasil.com.br
www.apexbrasil.com.br

/apexbrasil

Mapa Bilateral de Investimentos Brasil-União Europeia